

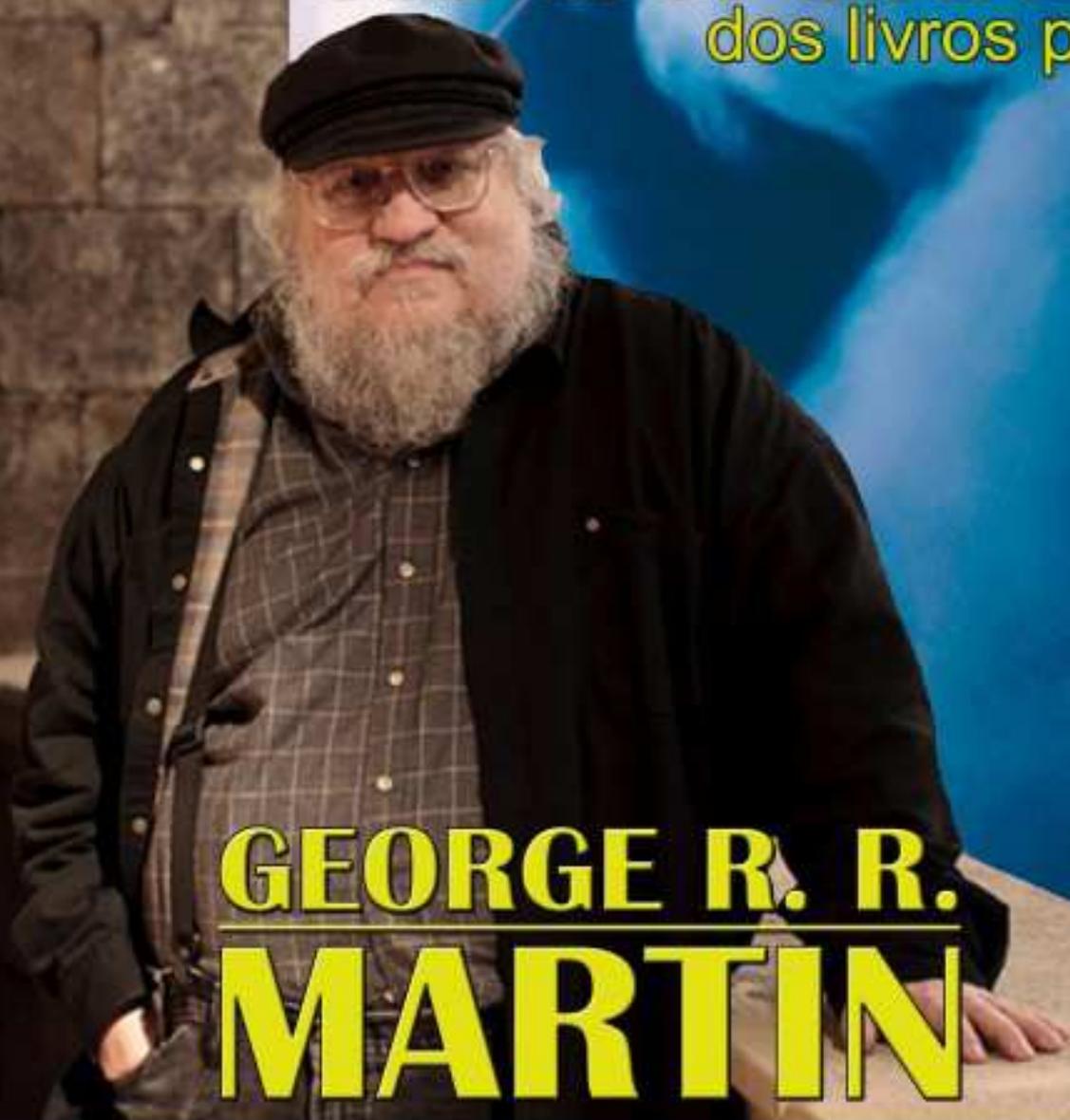
# — conexão — Literatura

Entrevistas  
Lançamentos  
Livros

Fanzine nº 03  
Setembro / 2015

## GAME OF THRONES dos livros para as telas

Distribuição Gratuita



**GEORGE R. R.  
MARTIN**

**A mulher que amava os gatos**  
Conheça a história de escritores  
famosos e seus gatos

**O que é literatura?**  
O que nos faz ter certeza de que  
estamos diante de algo literário?

**E mais: O Universo de H.P. Lovecraft**

# SUMÁRIO

- Editorial, por Ademir Pascale - pág. 03  
Publicidade: Devir "Jogo de Tabuleiro" - pág. 04  
George R. R. Martin, por Ademir Pascale - pág. 05  
Publicidade: "Mr. Hyde - Homem Monstro" - pág. 06  
O Universo de H. P. Lovecraft, por Miguel Carqueija - pág. 07  
Publicidade: "Contos Premiados", de Neyd Montingelli - pág. 12  
A mulher que amava os gatos, por Kathia Brienza - pág. 13  
Publicidade: "Conexão Literatura" - pág. 16  
O que é literatura?, por Misa Ferreira - pág. 17  
Entrevista com Washington Luis Lanfredi - pág. 20  
Entrevista com Cláudia Elisabeth Ramos - pág. 23  
Publicidade: "O alfabeto mais gosto do Brasil" - pág. 25  
Conto: "Só temos 5 minutos", por Ricardo de Lohem Dania Pedroza - pág. 27  
Conto: "O primeiro encontro", por Miriam Santiago - pág. 28  
Conto: "Explosão Cambriana", por Ricardo Guilherme dos Santos - pág. 31  
Conto: "Foi um dos 3", por Neyd Montingelli - pág. 34  
Conto: "O âmbar negro", por Dione Souto Rosa - pág. 35  
Conto: "O mestre das areias", por MBlancco - pág. 37  
Conto: "O filho da carpideira", por Evelyn Postali - pág. 39  
Saiba como participar da próxima edição de Conexão Literatura - pág. 46

## **EXPEDIENTE**

**Ademir Pascale**  
Editor, capa e arte

**Marcelo Bighetti**  
Conselheiro Editorial

**Angelo Tiago de Miranda**  
Conselheiro Editorial

## **PARTICIPAM NESTA EDIÇÃO**

Ademir Pascale  
Miguel Carqueija  
Kathia Brienza  
Misa Ferreira  
Washington Luis Lanfredi  
Cláudia Elisabeth Ramos  
Ricardo de Lohem Dania Pedroza

Miriam Santiago  
Ricardo Guilherme dos Santos  
Neyd Montingelli  
Dione Souto Rosa  
MBlancco  
Evelyn Postali

**Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse:**  
[www.fabricadeebooks.com.br/participar\\_de\\_conexao\\_literatura.html](http://www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html)

## EDITORIAL

**P**arece que foi ontem, mas chegamos em nossa edição de nº 3, desta vez com George R. R. Martin em destaque. O trabalho de divulgação da 1ª e 2ª edição foi intenso, mas valeu a pena, pois atingimos a marca de mais de 10 mil downloads com as duas edições. Agradeço aos leitores, editores, escritores e blogueiros que publicaram uma nota em suas redes sociais e blogs.

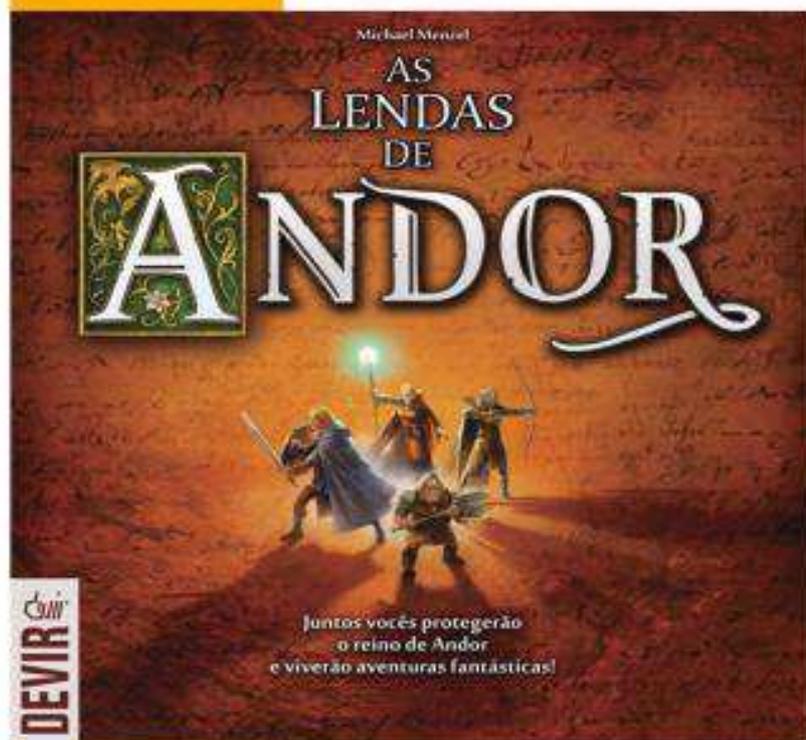
Nesta edição especial com “George R. R. Martin”, você poderá conferir matérias interessantes sobre literatura e suas conexões, escritores famosos e seus gatos, H. P. Lovecraft e muito mais.

Para divulgar esta edição de nº 3, use o link:  
[www.fabricadeebbooks.com.br/conexao\\_literatura3.pdf](http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura3.pdf)

Perguntas ou sugestões, escreva para: [pascale@cranik.com](mailto:pascale@cranik.com) – c/ Ademir Pascale

Desejo uma ótima leitura e até a próxima edição.

Ademir Pascale  
Editor



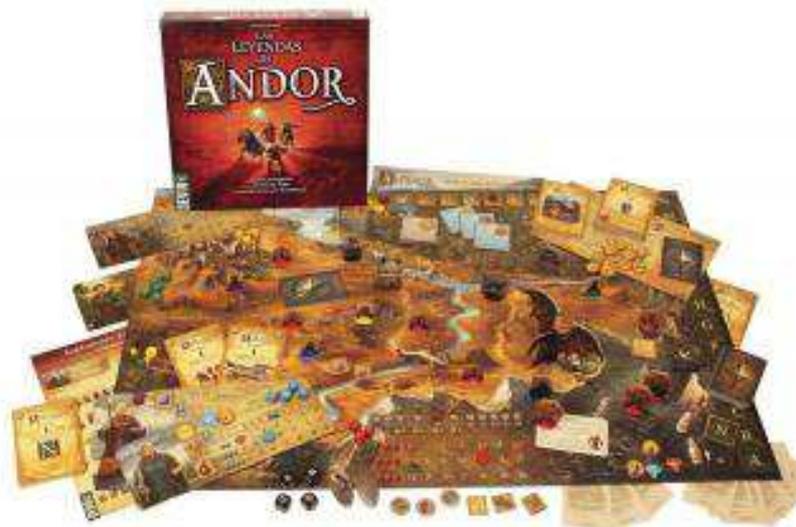
## Para fãs de RPG

Lendas de Andor é um jogo de tabuleiro de aventura cooperativo para dois a quatro jogadores.

Nele um bando de heróis deve trabalhar em conjunto para defender um reino de fantasia das hordas invasoras.

Para assegurar a defesa das fronteiras de Andor, os heróis irão embarcar em perigosas aventuras em cinco cenários distintos (bem como um cenário final criado pelos próprios jogadores).

Mas, como esse sistema de jogo brilhante mantém o castelo sob o ataque furioso de monstros, os jogadores têm de analisar as suas prioridades com muito cuidado.



Criador: Michael Menzer  
Ilustrações: Michael Menzer

Jogadores: 2 a 4  
Duração: 60 a 90 minutos  
Idade: a partir de 10 anos  
Idioma: Português

[www.loja.devir.com.br/jogos-de-estrategia-tabuleiro.html](http://www.loja.devir.com.br/jogos-de-estrategia-tabuleiro.html)

## GEORGE R. R. MARTIN

Por Ademir Pascale

pascale@cranik.com



**G**eorge R. R. Martin (George Raymond Richard Martin), nasceu em Nova Jersey, na cidade de Bayonne, em 20 de setembro de 1948. É escritor de ficção científica, terror e fantasia, além de roteirista. Filho de pessoas humildes, o pai era estivador e a mãe dona de casa. Viveu sua infância em casas populares para abrigar pessoas de baixa-renda.

Desde muito jovem, George era fã de quadrinhos, principalmente os de superheróis. Mas a carreira como escritor veio mais tarde. Na mesma época em que recebeu seu Bacharelado em Jornalismo na Universidade Northwestern, Illinois, em 1970, começou a escrever contos de ficção científica, mas como a maioria dos escritores, teve suas histórias recusadas sendo que uma delas chegou a ser recusada em 42 revistas, mas a sua força de vontade fez com que continuasse a produzir cada vez mais

contos e anos depois recebeu o importante Hugo Award e Nebula Award por um de seus contos.

Em 1980, para ter uma renda ainda melhor, começou a escrever para a TV, além de também trabalhar como editor de livros. Ele voltou a escrever seus próprios livros somente em 1991, destacando a série de fantasia épica “As Crônicas de Gelo e Fogo”, sendo o primeiro volume “A Game of Thrones”. Já o quarto volume da série intitulado “A Feast for Crows” (2005), tornou-se o livro mais vendido da lista do The New York Times.

O seu triunfo veio em 2007, quando a HBO comprou os direitos para adaptação para TV da série As Crônicas de Gelo e Fogo, tendo a sua estreia em 17 de abril de 2011.

Algumas das suas principais obras, são: “A Morte da Luz” (1977), “The Armageddon Rag”

(1983) e a série “As Crônicas de Gelo e Fogo”. George chegou também a publicar um livro infantil intitulado “The Ice Dragon”, publicado em 1980.

Segundo a Entertainment Weekly, a série entrará para o Livro dos Recordes, em 2016, pois atingiu a marca da Série Dramática que teve a maior transmissão simultânea ao redor do mundo.

#### **O Jogo Continua:**

Game of Thrones, a série mais assistida na história da HBO e fenômeno mundial da TV, chega à quinta temporada, que começa com um

trono vazio, o que deixa os protagonistas de Westeros e de Essos de olho no poder. Jon Snow luta para equilibrar as demandas da Patrulha da Noite com as necessidades de Stannis Baratheon. Cersei faz de tudo para manter o poder em Porto Real, em meio ao clã dos Tyrrel e do surgimento de um novo grupo religioso. Do outro lado do Mar Estreito, Arya procura um antigo amigo e Tyrion encontra uma nova causa. O perigo espreita Meeren e Daenerys percebe que manter o controle da cidade requer fortes sacrifícios.

Fonte: HBO

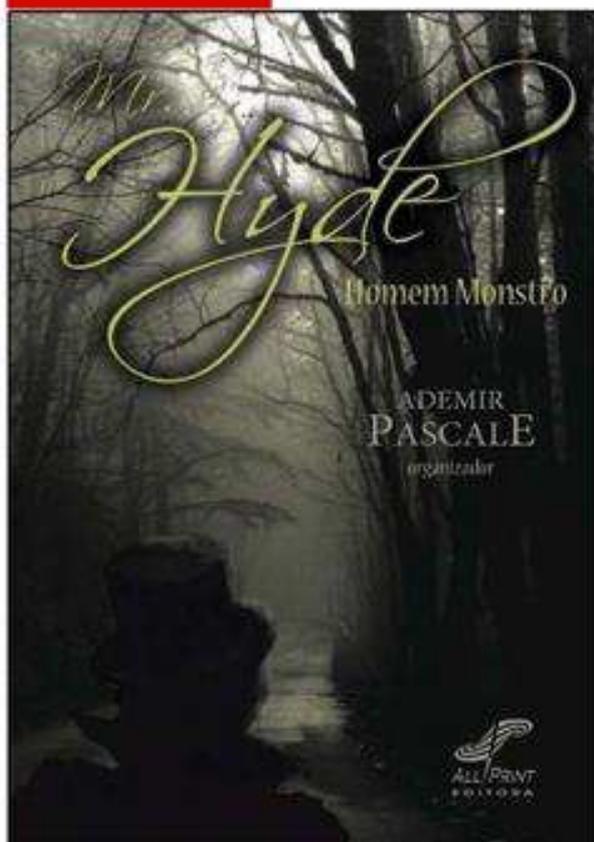


---

**Para saber mais sobre “Game of Thrones” e “George R. R. Martin”:**

Game of Thrones - [www.gameofthronesbr.com](http://www.gameofthronesbr.com)

George R. R. Martin - [www.georgerrmartin.com](http://www.georgerrmartin.com)



## A dualidade entre o bem e o mal



Hyde (hidden), é o ser que vive escondido, oculto entre as grades de uma cela escura da mente humana, aguardando impientemente pela sua liberação. Dizem que todos nós temos um doppelganger, um outro eu com aparência idêntica, mas com pensamentos diferentes. Casos assim foram registrados na história, como no caso do escritor e poeta Goethe, que ao passar em uma trilha, percebeu que alguém vinha em sua direção. Este alguém era uma pessoa idêntica a ele, só que com trajes diferentes. O escritor Percy Bysshe Shelley, esposo da famosa escritora Mary Shelley, confessou que encontrou seu outro eu inúmeras vezes. O caso foi presenciado por Jane Williams, amiga de Percy, que viu o outro eu do amigo passar por ela e entrar num beco sem saída, do qual nunca mais retornou. Casos semelhantes aconteceram ao longo da história e um dos principais foi o do Rainha Elizabeth I, que chegou a ver o seu outro eu deitada em sua cama. Elizabeth faleceu poucos dias depois do ocorrido. No caso da obra de Stevenson, o outro eu se transforma num único corpo, invade e destrói os pensamentos benevolentes de um ser.

### Ficha Técnica:

Título: Mr. Hyde - homem Monstro

Organizador: Ademir Pascale

Tipo: Coletânea (vários autores)

Editora: All Print

Nº de páginas: 92

Preço: R\$ 25,00

Para adquirir ou mais informações, escreva para:

pascale@cranik.com - C/ Ademir Pascale

# O UNIVERSO DE H. P. LOVECRAFT

Por Miguel Carqueija  
mcarqueija@gmail.com



H. P. Lovecraft

**R**esenha da coletânea “O mundo fantástico de H.P. Lovecraft” (contos, poesias e ensaios) organizada por Denilson Earhart Ricci (autor também da biografia do ficcionista, no início do volume). Editora Clock Tower, Brasil, segunda edição, 2014. Prefácio de Fabiano M. Hasegawa.

H.P. Lovecraft, autor norte-americano de contos e novelas de terror (1890-1937), nascido em Providence (Nova Inglaterra), sabe-se ter publicado apenas um livro em vida, embora aparecesse muito em revistas; com o tempo tornou-se um monstro sagrado da literatura fantástica e de ficção científica. Já nos anos 50 era um nome de grande prestígio, e este prestígio só aumentou com o passar do tempo. O próprio Roger Corman filmou-o pelo menos duas vezes: “O castelo assombrado” (adaptação de seu único romance, “O estranho caso de

Charles Dexter Ward”) em 1963, e “Altar do diabo” (“The Dunwoch horror” conforme o conto homônimo) em 1969. E os fãs de Lovecraft vem se multiplicando pelo mundo e se disseminando na internet.

Este livro, apesar de falhas de tradução e de português, é um trabalho notável pelo esforço desenvolvido e que resultou numa obra de aspecto profissional ainda que desenvolvida por fãs. Admiradores da obra de Lovecraft. Este esforço beneficiou-se muito dos recursos da internet. E, graças a esta publicação, pude tomar conhecimento de textos do autor que eu ainda não conhecia, junto com outros que já conheço bem.

---

Vejamos o material apresentado:

## **O CHAMADO DE CTHULHU** (The call of Cthulhu, 1926).

Este extenso conto, uma verdadeira noveleta, é tido como um dos mais importantes da mitologia lovecraftiana, já que desvenda muitas coisas sobre o ente mais conhecido, e que deu nome aos tais mitos: Cthulhu, que pode ser pronunciado de diversas maneiras (creio que não há um consenso). Quem ou o que é Cthulhu? Um monstro imenso, com asas de morcego ou dragão, rosto de polvo, tentáculos... com grandes poderes telepáticos, imortal e vindo de outra galáxia ou universo. No meu entender seria um demônio, mas, juntamente com os demais “Grandes Antigos”, é apresentado como uma espécie de “deus” pagão, totalmente maligno.

O conto em questão fala na pesquisa arqueológica que um cientista faz, a partir de uma estatueta de material desconhecido e incrível antiguidade, representando o monstro. A partir daí o personagem-narrador, apesar de seu ceticismo, vai descobrindo cada vez mais coisas terríveis e assustadoras, inclusive um culto macabro e ancestral mantido por mestiços da Flórida, por esquimós degenerados de uma tribo da Groenlândia e em outros locais. Há um racismo subjacente nesses detalhes, fruto talvez da época em que Lovecraft viveu. De qualquer modo, nesta história, que já conheço faz tempo, ocorre o padrão que, como vim a descobrir, acompanha os “Mitos de Cthulhu”: os personagens que tomam conhecimento das coisas ocultas vão enlouquecendo ou se desesperando e, não sendo crentes, não sendo cristãos, não contam com proteção espiritual. Que, ao que parece, nem existiria, pois ao imaginar um Cosmos totalmente blasfemo e hediondo, Lovecraft parece dar a entender que isto é natural e que nós, com nossos conceitos morais, é que somos a anormalidade; o próprio Deus não existiria (o Cristianismo, quando aparece em Lovecraft, é inócuo ou quase).

É por isso que eu, quando passei a escrever histórias lovecraftianas, pus o meu toque pessoal introduzido heroínas cristãs... mas isso é outra história. A saga de Sailor Moon, da mangaká Naoko Takeushi, mostra evidentes toques lovecraftianos, mas aí o bem é poderoso através de um grupo de heroínas paranormais.

## **O FESTIVAL** (The festival, 1923).

Narrativa sinistra de um sujeito que vai a um festival em Kingsport, cidade fictícia da Nova Inglaterra, para cumprir a determinação de sua família. Da casa indicada é levada numa procissão macabra por subterrâneos horrendos onde testemunha coisas apavorantes, das quais acaba fugindo. A ideia dos horrores ocultos perpassa como sempre a obra lovecraftiana.

## **A HISTÓRIA DO NECRONOMICON** (The History of Necronomicon, 1927).

Pequeno artigo de ficção contando a trajetória do livro secreto através dos séculos e referindo as cópias conhecidas ainda existentes. A referência ao exemplar da inexistente universidade Miskatonic na inexistente cidade de Arkham revela o caráter ficcional da matéria.

## **A CIDADE SEM NOME** (The nameless city, 1921).

Um narrador na primeira pessoa, e sem nome, coisa comum em Poe e Lovecraft, conta como foi explorar a “cidade sem nome” nos confins do deserto da Arábia e, mergulhando nas ruínas soterradas, descobre as evidências de uma raça crocodiliana desaparecida e que teria existido no mundo em tempos imemoriais. Até o vento, nesse texto, parece uma coisa diabólica.

## **O DESCENDENTE** (The descendant, 1927?).

Conto meio vago que fala um pouco da história do sujeito que foi na cidade sem nome. No texto a afirmação de que o mundo tangível “é só um átomo num tecido vasto e ominoso”, ou seja, sempre a idéia subjacente de que o universo é mau, de que o bem não existe (a não ser em alguns de nós, talvez) e tudo é inútil. Apesar do fascínio exercido por sua literatura horrorífica tratada com elegância, Lovecraft talvez fosse um caso mental.

**SONHOS NA CASA DA BRUXA** (The dreams in the witch house, 1932).

A aflitiva história de Walter Gilman, um rapaz esquisito que se hospeda numa casa de má fama em Arkham, onde teria morado uma bruxa. Histórias corriam sobre ela e um pequeno ser maligno parecido com rato que a acompanhava. Gilman começa a ter alucinações terrificantes e vai, aos poucos, sendo destruído por um fenômeno que não quer reconhecer. É um dos poucos textos de Lovecraft onde o Cristianismo aparece com alguma força, pois numa das cenas Gilman repele a bruxa por intermédio de um crucifixo. Mas ele é outro personagem sem proteção espiritual e impotente diante das malignidades.

**O HORROR DE DUNWICH** (The Dunwich horror, 1928).

Filmado por Roger Corman, em 1969, este conto narra a história de uma presença maligna que dominava uma fazenda e os esforços de alguns homens para esconjurá-lo, o que afinal conseguem. Dunwich é um dos lugares amaldiçoados, como Arkham, que aparecem nas histórias lovecraftianas. Este conto é um dos poucos em que os Grandes Antigos são enfrentados.

**A BUSCA DE IRANON** (The quest of Iranon, 1921).

Narrativa desesperante, passada em época e lugares ignorados, falando de um homem que se julgava filho de rei e passou a vida inteira tentando retornar ao reino do qual se julgava originário, para afinal descobrir que tudo não passava de uma fantasia de criança.

**O FORASTEIRO** (The outsider, 1921).

Outro conto terrível de um sujeito que conta memórias macabras, onde ninguém aparece, pois ele se diz criado em um castelo, cuidado por alguém, mas de quem não se lembra; quando se vê só tenta fugir e no fim descobre que é um monstro. Como em outras narrativas de Lovecraft, as coisas são muito mal explicadas, para além da boa lógica. Nem se explica como é que ele possuía linguagem tão rica.

**A SOMBRA EM INNSMOUTH** (The shadow over Innsmouth, 1931).

Um dos mais famosos e terrificantes trabalhos de Lovecraft, bastante extenso. Innsmouth é outro dos lugares tenebrosos e fictícios da Nova Inglaterra do novelista. Lovecraft criou um ambiente inverossímil, com uma comunidade esquisita e quase isolada do resto do país, e onde quase ninguém entra ou sai. Interessante é que o autor não explica como é que esta cidade fechada e onde os forasteiros que lá trabalhavam sentiam-se incomodados pelo clima esquisito funcionava na prática, já que teria de haver recolhimento de impostos, prefeito, polícia, toda uma gama de ligações inevitáveis que em grande parte são olvidadas na narrativa.

O fato é que das esquisitices que cercam a cidade misteriosa desemboca-se afinal numa apoteose de horror, com o local invadido por uma multidão repugnante de criaturas dos abismos submarinos, uma mistura de peixes e de sapos, mas de tamanho semelhante ao dos seres humanos, e toda essa invasão, acreditem ou não,

é para caçar um único homem por ser um estranho que vinha investigar os segredos de Insmouth. “Suas formas sugeriam vagamente algo de antropóide, enquanto que suas cabeças eram cabeças de peixe com prodigiosos olhos arregalados que nunca se fechavam. Nos lados do pescoço tinham guelras palpitantes e suas longas patas tinham membranas. Eles moviam-se aos saltos de modo irregular, às vezes sobre duas patas e outras vezes sobre quatro.” Essas gracinhas seriam os donos dos abismos submarinos e com poder latente para destruir a humanidade terrestre. Se o leitor aceitar a premissa (aquela história de “suspensão da incredulidade”) a história é formidável. Além disso, tem as dimensões de uma verdadeira novela.

#### **O SABUJO** (The hound, 1922).

Pequeno conto bem trágico e talvez inspirado no clássico romance “O cão dos Baskervilles” de Conan Doyle. A diferença porém é que, em Lovecraft, a ameaça é sobrenatural mesmo e não uma mistificação.

#### **UM SUSSURRO NA ESCURIDÃO** (The wisperer in darkness, 1930).

Uma das mais conhecidas e mais desesperantes novelas lovecraftianas, faz revelações sobre os tenebrosos “fungos de Yuggoth”, que são seres repugnantes e semelhantes a gigantescas lagostas, e que habitariam o nono planeta do Sistema Solar, ou seja Plutão, por eles chamado Yuggoth. Estes seres manteriam minas em regiões inóspitas nas montanhas de Vermont, Nova Inglaterra, locais evitados pelas populações próximas por causa das lendas assustadoras que corriam, até dos índios.

A narrativa se concentra na correspondência entre Albert Wilmarth e Henry Akeley, com este procurando convencer aquele que as lendas eram reais, e que seres tenebrosos

vinham realmente das estrelas e nos vigiavam o tempo todo. Lovecraft inclui nisso tudo referências aos yetis da Himalaia e outras lendas conhecidas na vida real, misturando-as com os “Mitos de Cthulhu”. Aliás os tais fungos estariam entre os adoradores de Cthulhu.

Não se pode negar a alta qualidade da narração literária, ainda que sua leitura cause verdadeira aflição porque, na verdade, a gente não se conforma com forças malignas invencíveis, mesmo na ficção.

#### **O DEPOIMENTO DE RANDOLPH CARTER** (The statement of Randolph Carter, 1919).

O protagonista narra sua terrível experiência junto a Harley Warren, que pesquisava fenômenos misteriosos e desce a uma espécie de catacumba, enquanto Randolph esperava na superfície. O desaparecimento de Warren é relacionado com o ataque de forças malignas que lá se encontravam.

#### **O HABITANTE DAS TREVAS** (The haunter of the dark, 1935).

Relato sobre a obsessão de certo Robert Blake e seu trágico destino, ao pesquisar bairros misteriosos de Providence e uma igreja fechada e de má fama. Como de hábito, segredos mais ou menos percebidos por populações locais amedrontadas, e a mania do protagonista por estudos das coisas mais tenebrosas possíveis. Os alienígenas ou seres antigos são sempre monstruosos, poderosos e cruéis. Veja-se este trecho sobre um documento examinado por Blake: “Há referências a um “Habitante das Trevas” que é despertado pela contemplação do Trapezoedro Brilhante (sic), e insanas conjecturas sobre os abismos negros do caos de onde ele é chamado”.

**NOTAS QUANTO A ESCREVER FICÇÃO FANTÁSTICA** (Notes on writing weird fiction, 1933).

Artigo onde Lovecraft discorre sobre seus métodos de criação e redação. Edgar Allan Poe já havia feito algo semelhante com sua “Filosofia da composição”.

**UMA ELEGIA AO DR. FRANKLIN CHASE CLARK** (An elegy and Franklin Chase Clark, M.D. 1915).

Texto mais antigo de Lovecraft, como o nome diz, elogio de personalidade a quem ele muito respeitava.

**O JARDIM** (A garden, 1917).

Poema curto e melancólico.

**A ROSA DA INGLATERRA** (The rose of England, 1916).

Uma curiosa e curta exaltação da Inglaterra.

**OS FUNGOS DE YUGGOTH** (Fungi from Yuggoth, 1930).

Longo poema escrito talvez no mesmo ano de “Um sussurro na escuridão”, é uma verdadeira coletânea de tudo quanto é horror lovecraftiano, e não apenas os habitantes de Yuggoth. Lá estão Arkham, Leng, os Antigos, o Caos etc. Num poema alucinante e obsedante.

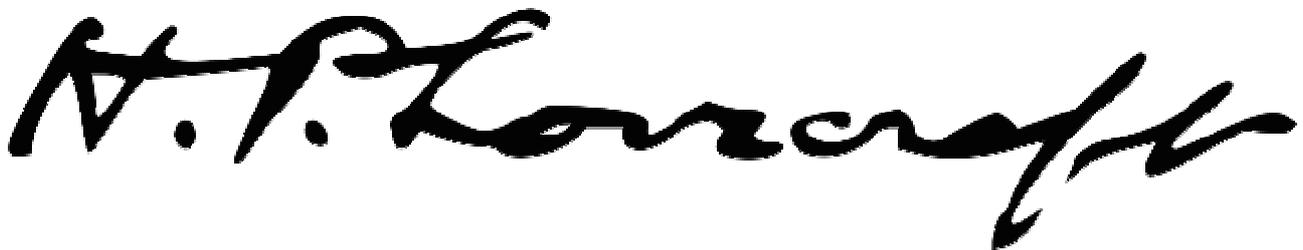
**CARTA DE H.P. LOVECRAFT A ROBERT E. HOWARD** (1934).

Da correspondência pessoal de Lovecraft, dirigida a seu amigo, o famoso criador do universo de Conan, dois anos antes do suicídio de Howard e três da própria morte de Lovecraft.

**FRASES DE H.P. LOVECRAFT**

Tirando fora o posfácio assinado por A.A. (creio que se trata de Alessa Akeshi, que assina parte da tradução e notas) o volume fecha com frases pinçadas de vários textos de Lovecraft.

Realmente, parece ser o volume mais completo deste autor, já lançado em língua portuguesa.



---

**Miguel Carqueija**

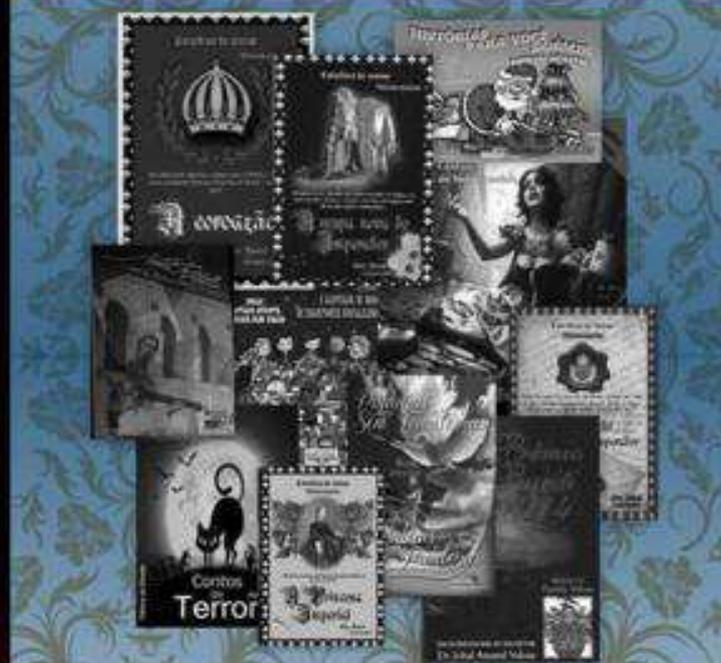
Autor de *Farei meu destino*, *O Fanstasma do Apito* e *Tempos das Caçadoras*.

E-mail: mcarqueija@gmail.com.

# CONTOS PREMIADOS

de Neyd Montingelli

Seleção de contos premiados em concursos literários



## *Contos Premiados, por Neyd Montingelli*

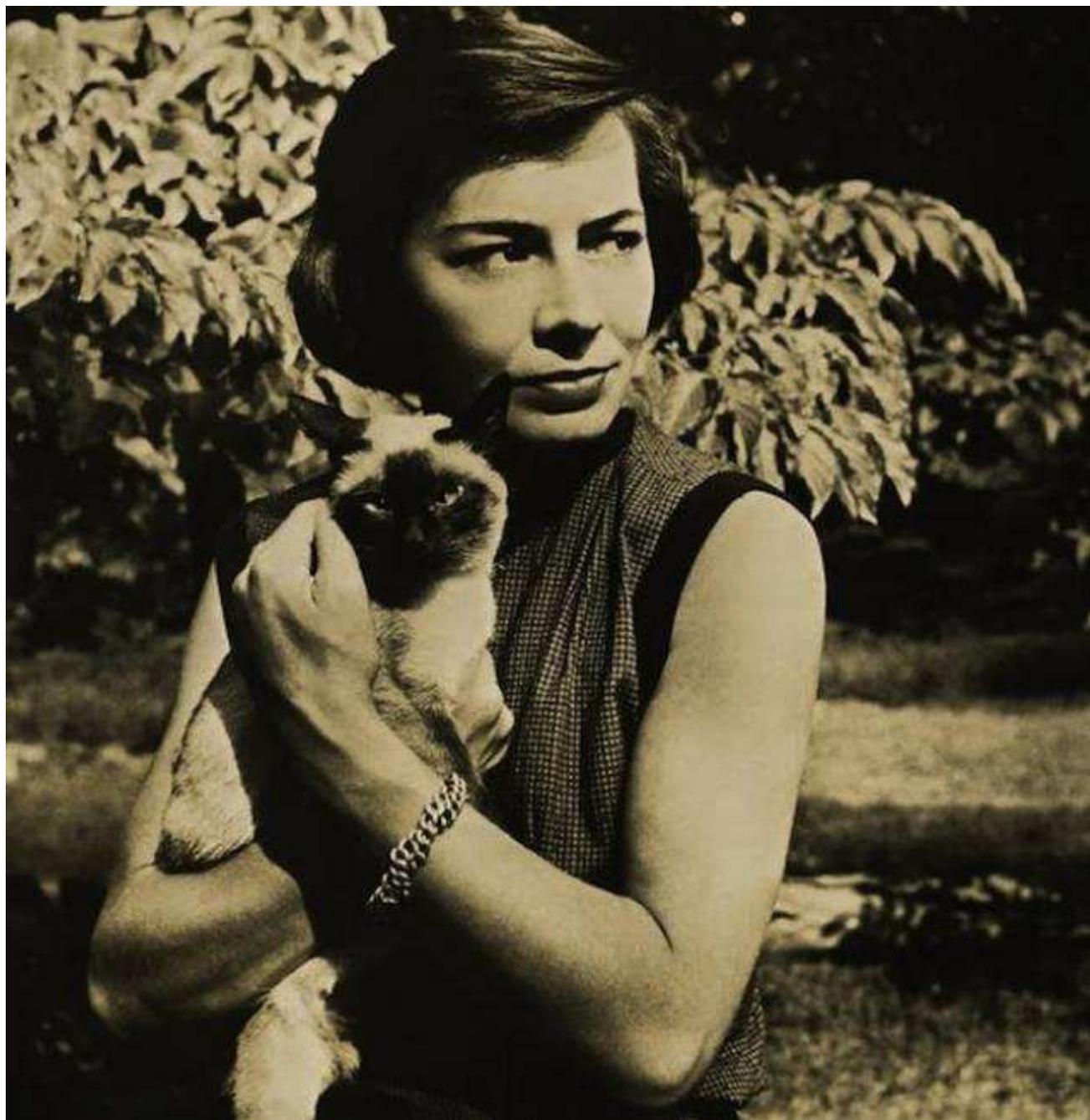
Seleção de contos da autora, premiados em concursos literários. Com temas diversos e atendendo ao regulamento de cada concurso, estes contos tem em comum, episódios pitorescos inspirados nos acontecimentos familiares e um final inusitado que tanto pode surpreender como divertir o leitor.

Para adquirir o livro ou ebook, acesse;

[https://clubedeautores.com.br/book/190220--Contos\\_premiados](https://clubedeautores.com.br/book/190220--Contos_premiados)

# A MULHER QUE AMAVA OS GATOS

Por Kathia Brienza  
kathiabrienza@hotmail.com



Patricia Highsmith

*“Se quiser escrever, arranje um gato.” (A. Huxley)*

**I**nteligentes, preguiçosos, ágeis, brincalhões, perspicazes, sensíveis, independentes. Os gatos são isso e muito mais! E quem os classifica como traiçoeiros, interesseiros e

desapegados dos donos, nunca teve a felicidade de ter um felino como companhia.

Dizem que os humanos podem ser divididos em “cachorreiros” e “gateiros”, de acordo com a preferência pelo animal de

estimação. Se isso for verdade, grande parte dos escritores estará classificada no segundo grupo. A lista é grande, mas entre os amantes dos felinos podem ser citados autores como Agatha Christie, Edgar Allan Poe, Ernest Hemingway, Mark Twain, Charles Dickens, William S. Burroughs, T.S.Eliot, Truman Capote, Hermann Hesse, Jack Kerouac, Sylvia Plath, Alberto Moravia, Doris Lessing, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Raymond Chandler,

Guimarães Rosa, Lourenço Mutarelli, Lygia Fagundes Telles, Luiz Ruffato, Stephen King, Neil Gaiman e Mía Couto.

Patricia Highsmith, autora de *thrillers* criminais psicológicos como *O Talentoso Ripley* (e outros quatro livros protagonizados por Tom Ripley), *Pacto Sinistro* e *O Grito da Coruja*, também teve os gatos como seus companheiros fiéis por toda a

vida. A autora americana mantinha uma rotina de trabalho que compreendia muitas anotações e a exigência de produzir ao menos dez páginas por dia e chegou a ter até seis bichanos ao mesmo tempo. Eles viviam com ela, dormiam em sua cama e sentavam-se em sua mesa, enquanto ela escrevia.

Além da presença constante dos gatos em sua vida, outros gestos demonstram o amor de Patricia Highsmith por esses animais. *Cela de vidro* (1964), uma ficção perturbadora sobre um homem que é preso injustamente, foi dedicado “ao querido gato Spider”, um gato preto com enormes olhos verdes. Patricia levava a sério as dedicatórias, já que seus livros eram a razão de sua vida e apenas “pessoas” muito importantes mereceram a honra de uma dedicatória.

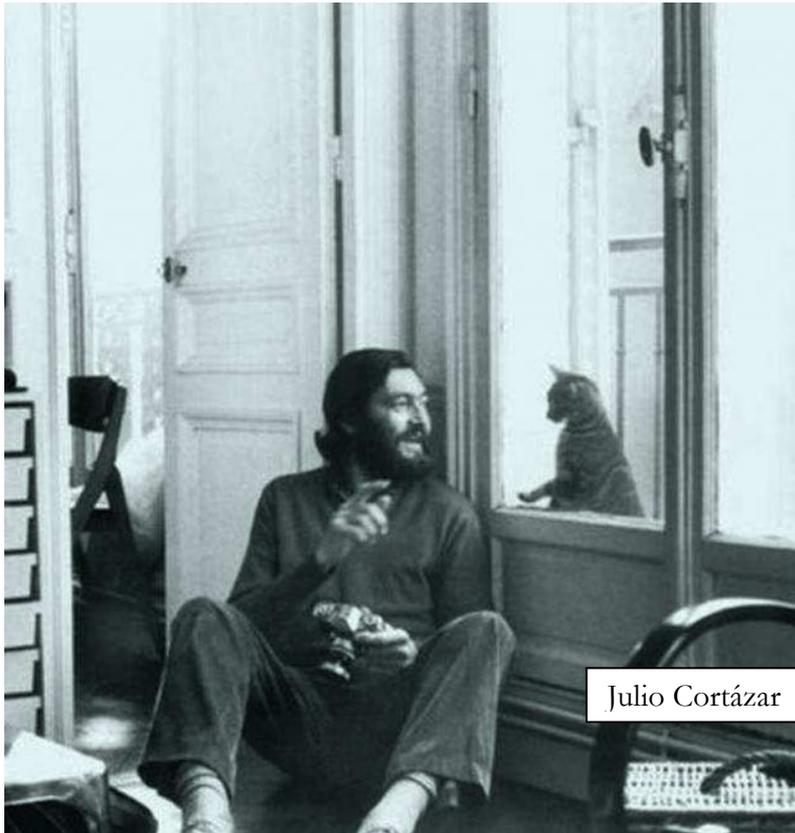
Curiosamente, três anos depois, Patricia precisou abrir mão do felino e Spider Highsmith foi viver com outra escritora, a romancista escocesa Muriel Spark (autora de *Memento Mori* e *A Primavera da Srta. Jean Brodie*, entre outros).

Patricia Highsmith escreveu alguns textos em homenagem a esses animais. Três histórias, três poemas, um ensaio e sete desenhos da própria Highsmith foram reunidos e publicados sob o título *Os Gatos*. Nos contos, eles arrastam

objetos suspeitos para dentro da sala, provocam ou resolvem conflitos e até mesmo cometem crimes, ou seja, são os grandes protagonistas, o tempo todo.

Muitas vezes considerada grosseira e mal-humorada, provocante e politicamente incorreta, Patricia

Highsmith chegou a afirmar que “não gostava de ninguém” – o que é mais uma frase de efeito do que uma verdade.



Ao longo da vida, Patricia fez bons amigos e teve várias amantes e namoradas. Ela gostava de beber e de fumar, mas detestava comida. Ela amava gatos. Tudo isso e muito mais está registrado na excelente biografia *A Talentosa Highsmith*, que Joan Schenkar demorou nove anos para concluir.

Nascida em Fort Worth, no estado do Texas, Patricia mudou-se para a Europa definitivamente em 1962. Morou na Inglaterra, Itália e França. Sua última casa foi na cidade suíça de Tegna, para onde se mudou em 1988. Qualquer lugar poderia se transformar em um lar, desde que nele houvesse pelo menos um bichano e ela pudesse escrever. Na opinião de Patricia Highsmith, “as mentes dos escritores são ativas ou perturbadas o suficiente para

precisarem da aura calmante de um gato em casa. Um gato faz de um lar, um lar; com um gato, um escritor não está só e, no entanto, está sozinho o bastante para trabalhar”.

Patricia Highsmith morreu em 1995, aos 74 anos. O último animal doméstico a fazer companhia para Patricia foi uma “vira-lata” amarela chamada Charlotte. Mas ela não sentia muito afeto por essa gata, em especial, que parecia “um cachorro” na opinião da escritora.

Não havia menção a Charlotte no testamento de Patricia Highsmith (nem fora dele, de qualquer forma) e, depois da morte de sua dona, a gata foi adotada por um casal de vizinhos, amigos da autora. Charlotte viveu, mimada e amada, até a avançada idade de dezenove anos, mais do que qualquer outro dos gatos de Patricia. Mas Charlotte nunca se tornou uma gata sociável (assim como sua dona famosa talvez nunca tenha sido socializada de verdade).



Stephen King

**Kathia Brienza** é admiradora da obra de Patricia Highsmith e tem quatro gatos maravilhosos, Ettore, Anakin, Tudor e Frank Sinatra. Formada em Letras e Medicina Veterinária, é autora de “Contos de Maldição & Desejo” e de “Olhos de Fogo” (em parceria com Helena Gomes), ambos da Escrita Fina Editora. Publicou também contos em várias antologias. Contato: [kathiabrienza@hotmail.com](mailto:kathiabrienza@hotmail.com).

**conexão**  
**Literatura**  
*Oscar Wilde*  
 da literatura à prisão

Fanzine nº 01  
 julho / 2015

Entrevistas  
 Lançamentos  
 Livros

*Distribuição Gratuita*

A Mulher de Preto  
 O livro escrito por Susan Hill  
 que deu origem ao filme

Leitura, Doce Leitura  
 Saiba mais sobre a origem e  
 o desenvolvimento da leitura

**E mais: Florbela Espanca nos cinemas**

# CONEXÃO LITERATURA

anuncie - divulgue - participe



Mais de 6 mil downloads na 1ª edição  
 Todo mês um autor conhecido mundialmente em destaque  
 Entrevistas, matérias especiais, lançamentos, etc.



**Saiba como participar ou  
 patrocinar a próxima edição.  
 Acesse:**

[www.fabricadeebooks.com.br/participar\\_de\\_conexao\\_literatura.html](http://www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html)  
 ou escreva para: [pascale@cranik.com](mailto:pascale@cranik.com) - c/ Ademir Pascale

# O QUE É LITERATURA?

Por Misa Ferreira  
misachief@gmail.com



O que nos faz ter certeza de que estamos diante de algo literário? O que causa em nós tal e tal texto? Que espécie de emoção ou quais emoções são despertadas? Segundo Jonathan Culler, para responder esta pergunta, é preciso levantar a questão da literariedade e indagar quais os critérios para julgar se uma obra é literária ou não. O que a distingue de outras que não o são? De saída, as dificuldades são inúmeras porque as obras não obedecem a um padrão rígido, pelo contrário, pela sua imensa variedade, fogem às normas literárias, se é que se pode dizer assim. Assim, um romance que se assemelhe a uma autobiografia como “Em busca do tempo perdido” de Proust pode ser mais literário do que um poema lírico. Isso, sem contar a questão histórica, ou seja, obras literárias modernas que em outra época não teriam sido consideradas como literatura.

Por outro lado, também não basta que um grupo de críticos e intelectuais de determinada época determine que tal obra seja literária. Evidentemente, o texto deve conter uma certa organização da

linguagem e representar uma realidade suposta, imitando atos de linguagem cotidianos. Isso seria, digamos assim em termos de critérios, o mínimo para que a obra contenha qualidades literárias. Entretanto, o que realmente singulariza a literariedade é uma linguagem evidenciada que faz com que o leitor receba o texto não como simples comunicação, mas que se veja enredado pela emoção transmitida. O formalista russo Chklovski referia-se à literatura como “o caminho onde o pé sente a pedra”. É fácil, imagine só, você passa pelo mesmo caminho todos os dias e seu pé já se acostumou a todas as pedras, aí tem um dia em que você nota algo diferente, como se fosse uma pedra nova. É despertada uma emoção gostosa e estranha quando você lê algo que às vezes até já leu, porém dita de outra forma. Muitos já devem ter visto uma mensagem no Face que pode bem ilustrar a linguagem evidenciada. Um deficiente visual está sentado com um cartaz que traz as palavras: “sou cego”. Muitos passam por ele e não o ajudam, sequer o notam. Aí vem uma garota que refaz a

escrita com os seguintes dizeres: “está um lindo dia e eu não posso ver”. A sorte do homem muda de forma mágica, como a própria linguagem pode ser mágica.

Em um curso sobre linguagem e escrita criativa, o professor comparou a literatura com telas de pinturas. Mostrou um quadro que representava um jarro com flores e o quadro: “Despejados,” do pintor Portinari. O primeiro, sem dúvida, é decorativo, mas o segundo provoca uma reflexão, faz pensar sobre a realidade. De forma semelhante, o literário não se afasta dos sentimentos e valores humanos. Assim, os livros chamados comerciais são mais vendáveis, são digeridos com pressa e os

literários são mais reflexivos e saboreados aos bocados, como quem vai poupando uma sobremesa deliciosa.

Antonio Cândido, nosso grande crítico literário, define a literatura como aquilo que nos faz melhores, aquilo que afina nossos sentimentos e nossa sensibilidade. Diz mais, que a literatura desenvolve em nós a cota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Faz com que sejamos mais capacitados para penetrar nos problemas da vida e perceber a complexidade e beleza do mundo e dos seres. Haverá melhor definição? É isso.



Misa Ferreira

**Maria Luiza (Misa Ferreira)** é bancária aposentada. É formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Depois de aposentar-se descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Já escreveu os livros: “Demência, o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. No momento está trabalhando para a publicação de um livro infantil já pronto. É articulista de um jornal local. E-mail: misachief@gmail.com.

# ENTREVISTA COM WASHINGTON LUIS LANFREDI



---

## Washington Luis Lanfredi

O autor é formado em Técnico de Eletrônica e Engenharia Mecatrônica. Tem 35 anos e nasceu em Atibaia, mas vive em Taubaté desde os três anos de idade, sendo Taubaté a terra da Literatura infantil. É casado desde 2008 e tem uma filha que nasceu em 2012. Tem participações nas antologias “Poesia todo dia”, “Poesias sem fronteiras”, “O tempo não apaga” e na segunda antologia “Escritor Marcelo de Oliveira Souza” e nos e-books “Paixões Clandestinas: Outras Paixões” e “Entre as nuvens”. Autor do livro Tabuatã - o mundo novo (Multifoco, 2015) e do e-book “Loucuras do fim do mundo” (Fábrica de Ebooks, 2015).

E-mail: [washingtonlgsp@yahoo.com.br](mailto:washingtonlgsp@yahoo.com.br).

## ENTREVISTA

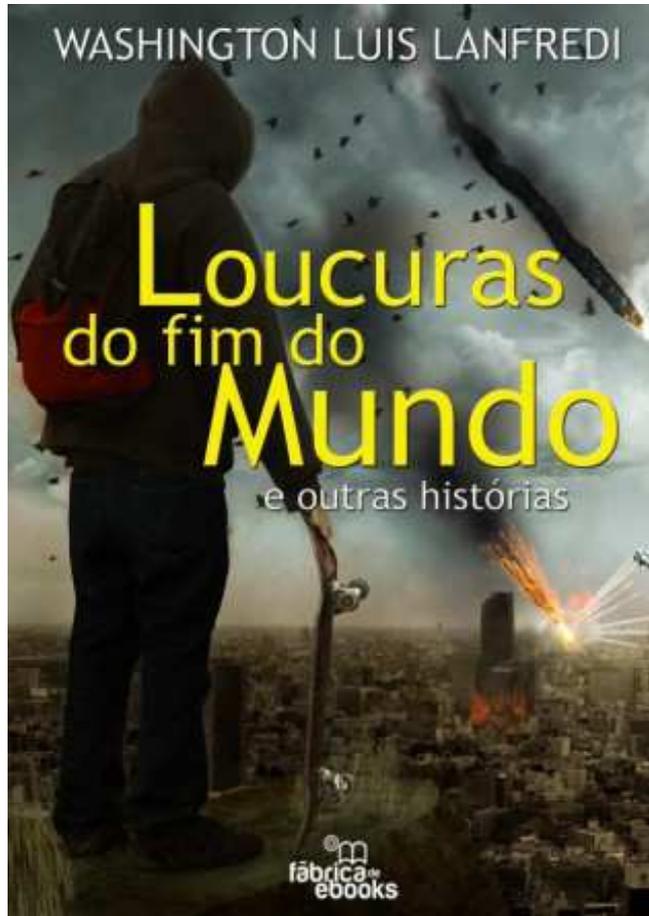
**Conexão Literatura:** Como foi o início de Washington Luis Lanfredi no meio literário?

**Washington Luis Lanfredi:** Como todo mundo fala, eu escrevo desde criança, escrevendo redações na escola. Porém, na minha época não era como hoje, era mais difícil ainda publicar um livro. Meus dois primeiros contos, até enviei para algumas editoras, mas sem retorno. Ainda bem que os tempos mudaram, com o avanço da tecnologia surgiram novas oportunidades, publiquei poesias nos sites Recanto das Letras e prefacio.net. Consegui publicar alguns livros em sites grátis como Clube de Autores, Agbook e Bookees. E também participei de algumas antologias, como “Poesia todo dia”, “Poesias sem fronteiras”, “O tempo não apaga”, na segunda antologia “Escritor Marcelo de Oliveira Souza” e nos e-books “Paixões Clandestinas: Outras Paixões” e “Entre as nuvens”. E assim depois de muitos envios para editoras consegui publicar Tabuatã e Loucuras do fim do mundo.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “Tabuatã - O Mundo Novo” (Multifoco, 2015). Poderia comentar?

**Washington Luis Lanfredi:** Sim, eu sou o autor. Quando minha esposa descobriu que estava grávida eu quis escrever algo para ser lembrado para sempre. Então surgiu a ideia de juntar minha futura filha com outras crianças num passeio, mas como vivo na terra de

Monteiro Lobato, nada é simples, muitas coisas fantásticas e incríveis entraram nessa aventura.



**Conexão Literatura:** Para quem você indicaria o seu livro?

**Washington Luis Lanfredi:** Quando comecei a escrever a ideia era para crianças pequenas, mas quando terminei achei que seria indicado para adolescentes, porém quando alguns adultos leram adoraram, um deles me disse que lembrou de quando lia as histórias de Monteiro Lobato. Por fim cheguei a conclusão que é indicado para toda as idades, só basta ter imaginação.

**Conexão Literatura:** Você também é autor do ebook “Loucuras do fim o mundo” (Fábrica de Ebooks), poderia comentar?

**Washington Luis Lanfredi:** Sim, este e-book é uma coletânea de histórias que escrevi para todas as idades, pois mostra a luta de uma família para se salvar do fim do mundo e que no final tem uma ótima lição de vida, e as outras histórias tento mexer um pouco com os sentimentos mais profundos do ser humano, indico. Aventure-se você também.

**Conexão Literatura:** Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar de “Tabuatã - O Mundo Novo” ou o ebook “Loucuras do fim do mundo”?

**Washington Luis Lanfredi:**  
Tabuatã:

<http://www.livrariacultura.com.br/p/tabuata-42889484>



**Loucuras do fim do mundo:**

<http://www.amazon.com.br/gp/product/B010GVRVU>

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Washington Luis Lanfredi:** Estou terminando um livro técnico de eletrônica, comecei a sequência de Tabuatã, escrevi um livro didático religioso e estou esperando retorno das editoras e também estou concorrendo nas coletâneas da Darda editora. E continuarei fazendo poesias e concorrer a novas antologias e coletâneas.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** Harry Potter

**Um(a) autor(a):** J. K. Rowling

**Um ator ou atriz:** Jennifer Aniston

**Um filme:** Harry Potter

**Um dia especial:** Nascimento de minha filha

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Washington Luis Lanfredi:** Queria desde já agradecer a todos que comprarem meus livros e que se preparem para uma grande aventura.

**Para saber mais sobre Washington Luis Lanfredi:**

**Facebook:** [www.facebook.com/washington.santos.106](http://www.facebook.com/washington.santos.106)

**E-mail:** [washingtonlgsp@yahoo.com.br](mailto:washingtonlgsp@yahoo.com.br)

# ENTREVISTA COM CLÁUDIA ELISABETH RAMOS



---

## **Cláudia Elisabeth Ramos**

Cláudia Elisabeth Ramos é jornalista formada pela PUCRS. Sempre esteve envolvida com o meio artístico, com música, teatro e cinema. Já participou de mais de 40 audiovisuais, inclusive de um filme longa-metragem. Dirigiu o seriado infantil "Cometa da Alegria" na ULBRATV. É cantora lírica, tendo cantado diversas óperas.

Ganhou o 1º Lugar em Conto no "VII Concurso Literário Viamonense" (1991) com o conto "Alucinação Mortal", Edição Festiva de 250 anos de Viamão.

Ganhou o 2º Lugar em Romance no "Concurso Literário da Biblioteca Rui Barbosa" (1988) na Escola Estadual Barão de Lucena em Viamão com o Livro "Ócrun".

## ENTREVISTA:

**Conexão Literatura:** Como foi o seu início no meio literário?

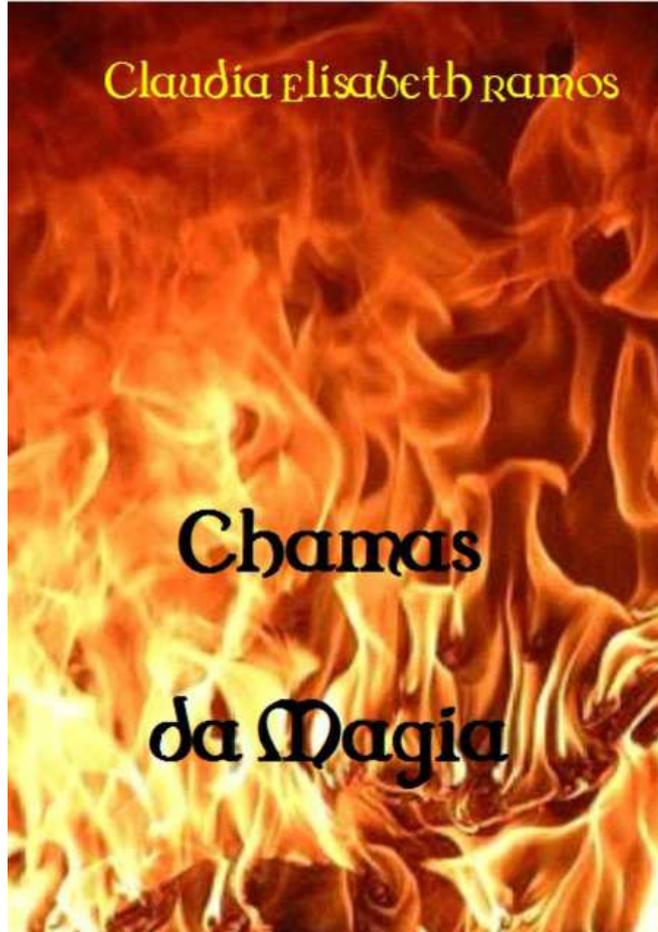
**Cláudia Elisabeth Ramos:** Difícil! Sempre escrevi e tive muita criatividade. E sempre fui boa em redação e em português. Mas publicar um livro é um martírio. É difícil as editoras acreditarem num autor e bancarem a publicação. Mesmo o meu primeiro livro "Ócrun", que havia ganho na minha juventude um concurso literário (da Escola em que estudava), não consegui publicar. Fui, na época, com a professora responsável pelo concurso numa editora, para tentar publicá-lo e não conseguimos.

Queriam muito dinheiro. Quem tem dinheiro, publica até lixo. Quem não tem, mesmo que tenha qualidade, não consegue. Mas então encontrei o Clube de Autores. Um site criado por escritores independentes que se reuniram para conseguirem publicar seus livros e facilitar as publicações. E assim publiquei alguns de meus livros. Tenho muitos outros para publicar, mas não publico os meus sem antes revisá-los, registrá-los, catalogá-los e ter o selo ISBN.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "Chamas da Magia". Poderia comentar?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** "Chamas da Magia" é uma fantasia. Conta a trajetória de um mago, desde a descoberta da magia até se tornar um poderoso mago, isso acontecendo na idade

média. É um livro de linguagem simples, cheio de aventura e magia.



**Conexão Literatura:** Para quem você indicaria o seu livro?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** Indico a todos que gostem de fantasia, de qualquer idade. E também para quem gosta de aventura.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** "(...) As tropas do reino de Talladio, unidas com o que restou da de Allauiz, chegavam ao caminho descampado de onde podiam ver o castelo de Arthamor ao longe. Com isso,

acabaram ficando abismados com o que viam.

O príncipe Calvin, o conde Nick e o comandante Marc se reuniram e olharam para aquilo, boquiabertos. A rainha Anne não estava junto deles, havia ficado em Talladio.

— Dragões atacando a Caspar? — perguntou Calvin.

— Quantos, nossa! — gaguejou Marc.

— Sebástian tinha ido falar com um dragão — comentou Nick. — Então era isso que ele estava planejando.

— É assustador — declarou o príncipe. — Imagine se nosso reino fosse atacado por eles... (...)"

**Conexão Literatura:** Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar de "Chamas da Magia"?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** Basta entrar no site [www.clubedeautores.com.br](http://www.clubedeautores.com.br), escrever no espaço reservado para procurar o nome do livro, "Chamas da Magia" e clicar na lupa. Clique sobre o livro, depois em comprar. Preencha o cadastro. Pode colocar CPF, o site é seguro. Imprima o boleto, pague e aguarde seu livro em sua casa. Tem uma taxa de entrega (frete).

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** Acabei de concluir um livro de guerra, que conta a trajetória de um soldado brasileiro da FEB, na Itália. Ele trás uma grande surpresa ao leitor no final que se eu contar aqui, estraga a surpresa. Apesar de ser de guerra, é um livro leve, sem violência e com fundo moral e espiritual. Quem tem fé vai gostar. Ainda não tenho certeza do nome. Talvez seja "O Anjo da Guerra", ou "O Milagre

de Massarosa", ou outro. Pode ser mudado. Está em processo de criação.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** A Estirpe do Dragão

**Um(a) autor(a):** Clarice Linspector

**Um ator ou atriz:** Angelina Jolie

**Um filme:** E o Vento Levou...

**Um dia especial:** Aquele dia com quem amamos...

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Cláudia Elisabeth Ramos:** Há muitos livros bons de escritores independentes que não tem a chance de mostrar seu talento. Alguns realmente são ruins. Cabe aos leitores distingui-los. Nem sempre os mais divulgados pela mídia são os melhores. São os que o escritor tem mais dinheiro.

---

**Para saber mais sobre Cláudia Elisabeth Ramos:**

**Clube de Autores:** [www.clubedeautores.com.br/authors/86929](http://www.clubedeautores.com.br/authors/86929)



O ebook "O alfabeto mais gostoso do Brasil", escrito por Karin Nombro e ilustrado por Olívia Pinto – com fotografias de Tamylin M.S. – foi lançado em agosto de 2015 e está à venda na loja Kindle da Amazon Brasil.

Venha conhecer o alfabeto mais gostoso do Brasil com Fiona, a corujinha comilona. A corujinha comilona saiu à noite procurando um docinho (ou salgadinho) e deu muita sorte quando pousou na casa do menino Romeu. Acarajé, brigadeiro, cocada, doce-de-leite: nada escapou da corujinha Fiona, que decidiu comer tudo que encontrou em ordem alfabética!

Você vai ficar espantado com todas as gostosuras que ela conseguiu devorar em uma só noite!

**Para adquirir o ebook, acesse:**

[www.amazon.com.br/Alfabeto-Mais-Gostoso-Brasil-ebook/dp/B0145FIQJ2](http://www.amazon.com.br/Alfabeto-Mais-Gostoso-Brasil-ebook/dp/B0145FIQJ2)

Essa é a maneira mais gostosa para seu filho aprender o alfabeto.



# SÓ TEMOS 5 MINUTOS

Por Ricardo de Lohem Dania Pedroza

## CONTO

“Só temos cinco minutos! A gente vai morrer! **MORRER! MORRER DE VERDADE!**” grita Julia, desesperada.

Alex, Julia, Roger e Amanda estão a mais de cem milhões de anos luz da Terra, em um planeta chamado Bassurux-133. O planeta tem mais de 400°C de temperatura média e muitos milhares de atmosferas de pressão. Os quatro sobrevivem em um domo, e poderiam viver lá indefinidamente, já que, graças aos avanços da tecnologia biomédica, foram suprimidas a velhice e todas as doenças, mas um perigo ameaça essa vida sem fim: um asteroide se aproxima do planeta. Os cálculos indicam que ele vai chegar em cinco minutos e, se não fosse pelo SDAA – Sistema de Defesa Antiasteróides – a gigantesca rocha esmagaria totalmente o domo. O problema é que o sistema de defesa antiasteróides está inoperante – eles só tem mais cinco minutos de vida.

Os quatro estão sentados na mesa de reunião decidindo o que fazer.

“Isso é fato, não precisa gritar, Julia,” diz Alex, fleugmático, “a questão não é se ou quando vamos morrer, a questão é: como vamos passar nossos últimos cinco minutos.”

“SEXO, SEXO, SEXO, SEXO!” fala Roger, como se defendesse uma ideologia.

“Ótima ideia, Roger,” diz Alex, com certa irritação, “se tivéssemos pelo menos 15 minutos, mas só dispomos de 5 minutos, alguém tem alguma ideia mais prática?”

“Julia, eu te amo,” diz Amanda, olhando em seguida para Roger, “e também te amo, Roger. E você também, Alex. Eu amo todos vocês!”

“O amor é lindo, Amanda, mas eu prefiro um pouco mais de ação nos nosso últimos minutos. Mais alguma sugestão?”

“Eu não quero morrer, prefiro me matar antes!” Julia puxa uma pistola da cintura.

Os três se assustam e levantam da mesa. “Julia, não faça nada de que possa se arrepender mais tarde,” diz Roger.

“Mais tarde quando?” diz Julia, com uma histeria assustadora. “Só temos quatro minutos e meio! Vamos morrer! **MORRER!**”

Alex corre até ela, a desarma e dá um tapa em seu rosto.

“Julia,” diz Alex, começando a perder a calma, “se recomponha, nós **NÃO** temos nem um segundo a perder, temos que aproveitar nossos últimos minutos! É nosso dever!”

“Eu só tenho cento e sessenta anos, ainda não vivi nada, não posso morrer,” diz Julia, chorando nos braços de Alex.

Ela acaba se acalmando e indo sentar na cadeira.

“Sabe o que eu acho?” diz Roger, sério. “Agora é tarde demais; nós não sabemos como aproveitar a vida. Passamos quase todo minuto, desde que nascemos, planejando como aproveitar a vida no futuro, e nunca fazendo nada no presente. Agora vamos morrer, sem nunca termos vivido.”

“Muito obrigado pela colaboração, Roger,” diz Alex, ironicamente, “agora vamos todos morrer deprimidos. Muito obrigado mesmo!”

Todos se sentam. Deprimidos e vazios, eles ficam observando preciosos segundos se esvaírem no nada, até que Amanda se levanta e corta o silêncio.

“Já sei o que fazer.” Ela sai e volta menos de um minuto depois, com algo nas mãos, coloca o objeto na mesa e levanta uma tampa em forma de redoma. Roger sorri.

“Um bolo de chocolate?” diz Alex, decepcionado. “Vamos passar nossos últimos três minutos de vida comendo um bolo de chocolate?”

“Você tem alguma ideia melhor?” pergunta Amanda, enquanto corta o bolo e distribui os pedaços. “Tá gostoso,” diz Roger. Alex arrisca um sorriso tímido; todos acabam sorrindo, até Julia. Eles repetem, o bolo acaba.

“Foi o melhor bolo que eu comi na vida!” fala Roger. “Foi bom,” diz Alex, sorrindo solto.

A contagem regressiva começa. Amanda segura as mãos de Roger e Alex, e eles seguram as mãos de Julia.

10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1!

Nada. Nada acontece. Mas não importa – afinal, esses cálculos são apenas aproximativos. Eles esperam que passe meio minuto. Um minuto. Dois.

“Eu vou dar uma olhada,” diz Julia. Ela vai até um computador, que fica na mesma sala que eles, e fica quase um minuto lendo algo na tela.

“Gente, nós não vamos morrer!” diz ela, olhando para a tela com espanto e alegria.

“Justo agora, que eu tinha me acostumado?” diz Roger.

“O sistema de defesa voltou a funcionar e o asteroide foi destruído,” diz Julia, transbordando de felicidade. “As estatísticas dizem que não vamos ter asteroides perigosos por pelo menos cinco mil anos – estamos salvos!”

Todos riem e comemoram. “Eu proponho que façamos uma reunião imediatamente!” diz Alex.

“Reunião?” pergunta Amanda, surpresa. “Reunião pra quê?”

Alex sorri.

“Temos que decidir como vamos aproveitar nossa vida nos próximos cinco mil anos.”

**Para saber mais:**

**Ricardo de Lohem Dania Pedroza** nasceu em São Paulo, Capital. É escritor, dedicado ao gênero ficção científica, e biólogo, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2014 lançou seu primeiro romance de ficção científica: Kaunan - O Homem Lagarto. Hoje se dedica a escrever contos e preparar seu próximo romance.

E-mail: ricardo.de.lohem@gmail.com

Facebook: Rich Dan



# O PRIMEIRO ENCONTRO

Por Miriam Santiago

## CONTO

A moça ao abrir a porta de sua casa se deparou com um lindo buquê de flores. No cartão: “Quer sair comigo hoje à noite? Te pego às nove.”

Radiante a jovem pega o buquê e o deixa em um vaso sobre a mesa da sala. A felicidade era tanta em saber que realmente alguém se interessara por ela.

Paula já tinha vinte e poucos anos e nunca teve um namorado, não sabia o que era amar. Era uma moça bonita, com cabelos ondulados ao ombro, corpo bem distribuído em 63 quilos para 1,70 metros de altura, mas muito tímida, algo que fazia se distanciar dos rapazes. Ela não conseguia encará-los e quando era paquerada, corava, e desviava o olhar.

E isso atrapalhava a sua vida. Ela ansiava amar e ser amada, mas quem? Nunca deixara ninguém se aproximar e se sentia um fracasso, tanto que a desmotivava constantemente.

Agora ela tinha um motivo, um estímulo, alguém estava interessado por ela. Mas quem seria?

A pergunta intrigou-lhe o pensamento e a alma o dia inteiro. Quem era o príncipe encantado?

No cartão, apenas a mensagem. Então como ela poderia sair e conhecê-lo se ele não deixou nome e nem sequer o número de telefone?

O dia inteiro no serviço foi de questionamentos e um só pensamento: *mas quem será?*

Paula olhou discretamente para todos os solteiros do serviço para saber se era alguém de lá que estava interessado por ela.

*Há, o Renato certa vez me chamou para tomar um lanche, será que é ele?* — Pensava a moça.

E assim o dia passou rápido.

Ela nem se deu conta, mas já estava no fim do expediente e nenhum dos colegas de serviço a tratou diferente.

A moça pegou o ônibus no terminal na Praça Mauá, e chegou rápido em sua casa, no Campo Grande.

*Acho que foi uma piada de mau gosto, uma pegadinha!* — Pensava Paula durante a viagem até sua residência, que logo chegou, pois em Santos tudo é perto.

Assim como o dia passou rápido, à noite também. Paula andava pela casa de um lado para o outro olhando para o relógio cuco, que a deixava mais nervosa a cada badalada.

Já eram quase oito da noite. E em uma hora ela saberia quem era ele. Para a ocasião, se perfumou, colocou um vestido que passava um pouco dos joelhos, sapatos altos, mas confortáveis e se maquilou.

Pronta, sentou no sofá à espera do estranho. Para acalmar a ansiedade e diminuir os batimentos cardíacos do primeiro encontro, ela tomou uma xícara de chá de camomila, que a fez relaxar.

Mal pegou no sono e a campainha tocou.

Paula olha no relógio, já eram quase dez da noite.

— Eu sabia que não seria nada, foi armação de alguém para zoar comigo, — resmungava ela.

Crente que fosse a mãe que esquecera a chave mais uma vez, Paula abre a porta. Para sua surpresa, um homem alto, moreno e bem vestido abre um sorriso ao vê-la. Ele não diz nada e fica olhando para ela.

Paula corou quando percebeu que o rapaz a olhou e seus olhos brilharam.

— Olá, Paula! Você gostou das flores? Sei que passei do horário, mas tive uns contratempos no serviço e não consegui chegar a tempo em casa para tomar banho e acabei me atrasando, — se desculpou o homem.

Sem dizer nada, Paula faz um sinal para ele entrar.

— Quem é você? Por que está interessado em mim? — Pergunta Paula.

— Eu sou o Renato, um colega de escola. Bem, colega é força de expressão, pois nunca estudamos juntos, mas eu sempre te vi nas horas do intervalo. Você passava perto de mim com sua amiguinha e eu a observava o intervalo inteiro. Depois crescemos e nos mudamos daquela escola. Cada um foi para seu lado e nunca mais te vi.

— Não compreendo, por que nunca falou comigo? — Questiona Paula, sem uma única vez se lembrar dele.

— É que você passava por mim, mas nunca existi para você. Mas hoje estou aqui, tomei coragem e vim me declarar. — Acrescentou o homem.

— Bem, eu nem sei o que dizer, disse Paula ao rapaz.

— Não diga nada — Renato se aproximou e pegou nas mãos dela. — Vamos sair e brindar nosso primeiro encontro. — Disse o jovem.

— Você não me disse como me encontrou e sabe meu endereço. — Diz Paula.

— Eu te vi passar outro dia bem em frente ao portão de casa. Eu te segui com os olhos, e não acreditei quando a vi entrar aqui; eu moro quatro casas da sua. — Explicou Renato.

Paula, radiante pelo primeiro encontro de sua vida, sorriu para ele.

...

A felicidade muitas vezes pode estar ao seu lado!

**Para saber mais:**

**Miriam Santiago:** jornalista e formada em Letras. Publicou em diversas antologias de Literatura Sobrenatural, além de crônicas cotidianas, contos, minicontos e nanocontos em geral. Pela Prefeitura de Santos, por meio da Secretaria de Cultura, foi selecionada para compor “Momento do Autor VIII”, assim como para Contos de Terror, da Fábrica de E-books. Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>  
Contato: [miriammorganuns@hotmail.com](mailto:miriammorganuns@hotmail.com)



# EXPLOSÃO CAMBRIANA

Por Ricardo Guilherme dos Santos

## CONTO

*“Isótopos, argônio-36: elevação – substancialidade. Pressão atmosférica, redução. Moléculas alaranjadas – migração, superfície. Etano e metano: transformação. Formação – água e oxigênio. Vida orgânica: surgimento. Seres marinhos, multicelularidade: detecção. Formas de vida – expansão; velocidade: parâmetros incompreensíveis.”* (androide *Billy*, quando do ingresso de *Vicki Star* na atmosfera de *Titã*)

*Diário de bordo do astrobiólogo Lúcio Valdez, primeiro registro em Titã.*

*Vicki Star*, a espaçonave senciente que nos conduz, pousou hoje na lua *Titã*. A fuga das garras do *Império* foi turbulenta, porém a perseguição parecia ter cessado após a travessia das camadas superiores da atmosfera terrestre. A partir de então, fizemos uma viagem tranquila até a *Estação Jupteriana Stephen Hawking*.

Após reabastecermos ali as *baterias de hidrogênio*, duas naves imperiais surgiram em nosso encalço. Para conseguirmos nos livrar delas, tivemos que utilizar uma complexa tecnologia de *simulação de assinatura*, fingindo partir para *Alfa Centauro*. O escudo eletromagnético *Égide* foi acionado como parte do plano de despiste. Ele tem como funcionalidade adicional a capacidade de bloquear os verdadeiros sinais de nossa condutora, e foi muito eficiente ao executar esta tarefa. O engodo surtiu efeito e nós aceleramos na direção de *Saturno*, beneficiando-nos do impulso fornecido pelo *campo gravitacional* de *Júpiter*.

A *alunissagem* em *Titã* foi perfectibilizada nas adjacências de um dos oceanos que emergiram em razão da onda de calor que tem atingido este lugar. A elevação da temperatura, aliada ao *aumento da gravidade* e a certas *alterações atmosféricas*, constitui um mistério apto a aguçar a curiosidade de qualquer cientista.

É uma honra (de certa forma, também uma grande ironia) que sejamos nós os desbravadores de *Titã*, cuja exploração há tantas décadas foi abandonada. Justamente nós, os fugitivos, os democratas que ousaram desafiar a truculência do *Poder Imperial*. *Os renegados fora-da-lei*, como o *2º Imperador do Cone Sul* prefere nos denominar. Bem, criminosos ou não, aqui estamos, vivos e em liberdade. E bem distantes da opressão que nos era imposta.

Coube a mim, o cientista mais experiente a bordo, traduzir em palavras nossas primeiras impressões desta lua em enigmática transformação. Para começar, afirmo que *Titã* parece ter sido alvo de algum tipo de *terraformação*. Entretanto, não há tecnologia na *Terra* capaz de realizar esta proeza com tamanha rapidez. Eis aí o motivo de nosso grande assombro, a razão para a tensão e a ansiedade que nos consomem: por óbvio, estamos diante do trabalho de alguma inteligência alienígena, seres do espaço que necessitam de condições atmosféricas similares às nossas para sobreviver. Parentes genéticos, eu suponho.

A fauna juvenil que identificamos aqui nos intriga sobremaneira. Acreditamos que a *lua laranja* vivencia uma época equivalente aos anos primeiros do *Período Cambriano*, que teve lugar na *Terra* há cerca de quinhentos e trinta milhões de anos. Cuida-se, especificamente, de uma fase evolutiva semelhante à que ficou conhecida em nosso planeta como “*Explosão Cambriana*” – um *enigma* que os estudiosos tentam solucionar desde épocas remotas.

Semelhante sim, porém *não precedida das fases anteriores*. Um *absurdo científico*, alguns diriam. Todavia, o absurdo é vislumbrado porque formamos nossas convicções tendo por fundamento a ciência incipiente da *Terra*. E é inegável que ela ainda tem muito a evoluir.

De qualquer forma, estou certo de que as vivências que nos aguardam acrescentarão importantes conhecimentos a nossos intelectos. Tais vivências, inclusive, já tiveram início. A primeira delas ocorreu instantes após adentrarmos a órbita de *Titã*. Na ocasião, acredito ter experimentado a sensação de que atravessávamos uma *barreira invisível*. À ausência de palavras capazes de fornecer significado científico a tal percepção, concluí ser mais sábio quedar-me silente. No entanto, *Vicki* confidenciou-me depois ter sido surpreendida por similar impressão. A espaçonave especula que uma *camada energética* está a envolver esta lua. Segundo seus estudos preliminares, estamos falando de um engenhoso mecanismo, capaz de *potencializar a ação dos grávitons*, bem como de *expandir a dimensão temporal*. Quem nele adentra, embarcaria rumo ao futuro de *Titã*. Em circunstâncias diversas, eu consideraria inverossímil a tese em questão. Porém, diante do que temos presenciado, não posso descartá-la por completo.

O fato é que estamos a nos sentir verdadeiras *criaturas das cavernas, seres da Idade da Pedra* que embarcaram no que um leigo designaria uma “*lua-máquina do tempo*” – a viajar rumo ao futuro, tendo *Titã* como referencial, ou em direção ao passado, se utilizarmos a vida na *Terra* como paradigma.

A proposição de *Vicki* trouxe-me à lembrança antigas lições escolares. Ensinaaram-me os mestres dos tempos de universidade que os povos cujo início da produção científica é recente sempre enxergam os engenhos de civilizações avançadas como *frutos de magia*. Meu mentor, o *Reitor Fonseca*, tinha predileção por uma frase do escritor *Arthur C. Clarke*: “*Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de magia*”. Sim, a *terceira lei de Clarke*, hoje conhecida por todos os catedráticos em *astrobiologia*. E esta é a *leitura* que faço acerca de nossas recentes experiências: tenho a sensação (nada científica, devo admitir) de que fomos alvejados por uma *vara de condão* e transladados para um universo onde o impossível é real.

Voltemos aos fatos. Minutos após a sensação que relatei, todos os tripulantes experimentaram uma grande surpresa: ao planarmos pela estratosfera de *Titã*, notamos uma espaçonave rumar em nossa direção e parar diante de *Vicki*. “*Composição, metais: origem extraterrena*” – informou-nos na ocasião o engraçado androide *Billy*.

A princípio, o capitão *Gustavo dos Santos* julgara prudente que *Vicki* se afastasse de tal engenho, mas em seguida ele repensou sua ordem e determinou o retorno de nossa condutora ao local do contato. A nave desconhecida permanecia no mesmo lugar e nos observou em respeitoso silêncio durante cerca de cinco ou seis minutos. Em seguida, aos poucos adquiriu invisibilidade, até não mais ser identificada por nossas retinas. Segundos depois, compartilhamos da inquietante sensação de perceber sua energia atravessando *Vicki*. É plausível que, durante este fenômeno, os alienígenas tenham realizado completa varredura nos acervos de nossa espaçonave, assim como em nossos corpos. A curiosidade, como vocês podem notar, não é monopólio dos *terrestres*.

*Vicki* obteve êxito em traduzir uma mensagem que nos fora enviada durante aqueles minutos de contemplação silenciosa. A *missiva espacial*, produzida numa linguagem semelhante à utilizada pelos sumérios na época das grandes construções de pedra, revelou-se

uma pequena decepção: tratava-se apenas de uma saudação padrão, desacompanhada de explicações que nos permitissem melhor compreender aquelas criaturas – prováveis artífices da estupenda eclosão de vida nesta *lua saturniana*. Por sorte, ao transpassar *Vicki*, o *engenho ectoplasmado* alimentou o computador central de nossa nave com um manancial de dados protegidos por *criptografia genética* e algumas chaves matemáticas. Não temos cientistas destas áreas a bordo, porém *Victoria Murrison*, a arqueóloga que veio conosco, está confiante em desvendar o significado destas informações. Para isto, ela contará com a ajuda da base de dados de nossa condutora senciente. Embora não possamos esperar celeridade nesta tarefa, é impossível não se deixar contagiar pela ansiedade.

Cumpramos relatar que a sonda *Maya* detectara, meses atrás, indícios de uma rudimentar forma de comunicação em *Titã*, de procedência oceânica. Este possível colóquio alienígena tem sido corroborado pelos aparelhos da bióloga marinha *Loretta de Sousa* e pelos potentes sensores auditivos de *Vicki*. Sugeri à *Doutora Madeleine Furtado*, líder de nossa expedição fugitiva, que nossas pesquisas locais tenham início nas investigações deste fenômeno. Acatando meu desígnio, a *Doutora* há pouco determinou a *Loretta* que preparasse o *robô mergulhador* para realizar este trabalho.

Não remanescem dúvidas: *Titã* é hoje um mundo incompreensível, porém igualmente um fértil território para pesquisas científicas. Nossa estadia em seu seio consubstancia uma importante oportunidade para desvendarmos o mistério da veloz *evolução da vida* neste *satélite natural*. Esta investigação nos fornecerá dados para melhor conhecer o passado da *Terra*, bem como para projetarmos seu futuro.

Sinto um tênue choque em meu pulso destro. É um chamado do capitão *Gustavo*. Ele requisita a presença de todos os tripulantes na *ponte de comando*. Creio saber o motivo: *Doutora Furtado* tomou a providência de alimentar os sistemas informatizados de *Vicki Star* com dados multimídia acerca da *Evolução na Terra* desde a época *Arqueana* até o *Período Permiano* (uma antítese à *explosão de vida cambriana*, palco da extinção em massa de vários organismos, em especial os de origem marinha). Intuo ter chegado o momento da apresentação holográfica, que será de grande utilidade em nossos estudos locais. Em breve, deixaremos a nave e pisaremos no solo de *Titã* pela primeira vez. Como não sentir o coração acelerado?

Antes de atender ao chamado, deixo uma anotação derradeira a este registro: talvez tenhamos que estabelecer moradia em *Titã*, pois o *Império Terrestre* não tolera a deserção de revolucionários democratas. Se regressarmos, por certo teremos nossas vidas ceifadas. É possível, portanto, que passemos a ter um novo lar *no espaço* (e, sob certa ótica, também *no tempo*). Esta constatação remete meu cérebro a uma reflexão: a maioria dos cientistas refuta com veemência a possibilidade de *viagens temporais*. Eles citam, para justificar seu ceticismo, possíveis inconsistências, conhecidas como “paradoxos”. Entretanto, as primeiras evidências em *Titã* indicam que existe algum tipo de aparato tecnológico, ainda incompreensível para os *homo sapiens da Terra*, capaz talvez até de contornar as barreiras por eles suscitadas.

A verdade é que há inúmeros segredos a serem desvendados por este universo afora. É muito a ser aprendido. Ouso dizer que sempre haverá, por mais que evoluamos.

A saga humana, meus caros, jamais terá um ponto final.

**Para saber mais:**

**Ricardo Guilherme dos Santos** é um grande fã de literatura fantástica, que às vezes escreve seus próprios textos. Foi editor do fanzine Somnium entre as edições 107 e 111 e participou de antologias como Mundos - volume 1 (Buriti) e The King e Solarium 3 (Multifoco).

E-mail: oespacoexplorado@gmail.com.



# FOI UM DOS 3

Por Neyd Montingelli

## CONTO

A mãe chamou as crianças para arrumarem o sótão. Estava cheio de entulhos e os ratos faziam casas, chalés e até condomínios entre as tranqueiras.

Os três filhos com seis, oito e onze anos andavam se esquivando do trabalho há vários finais de semana.

Naquele sábado ensolarado não teve escapatória. Todos foram convocados.

Com roupas velhas e panos amarrados na cabeça, subiram pela escada do corredor e começaram a tirar as caixas, pacotes e sacos do lugar apertado e cheio de pó. Não levou muito tempo e o trabalho virou festa e brincadeira. Cada caixa que saía lá de cima era motivo de muita história e risada de perder o fôlego.

Quando a mãe passou pela escada com um cesto de vime cheio de roupas de bebê, as crianças começaram a disputar a propriedade do objeto.

— Era meu, eu sei que era meu. Né mãe que eu dormi nesse bercinho?

— Claro que não, era meu. É azul.

— O irmão já canta de galo, invocando a emenda que diz não sei onde que azul é de menino.

— Nananinanão. Eu que dormi nele. Eu fui a última e ele está novinho. E eu gosto de azul.

— A pequena promotora vem em defesa das cores serem assexuadas.

A mãe divertia-se vendo a conversa das crianças. Ela era bonita, forte e com seus cabelos negros nem parecia ter os trinta e três anos. Trabalhava duro para sustentar sozinha a família e quando chegava o final de semana inventava atividades que envolvessem todos os filhos para divertirem-se ao mesmo tempo em que arrumavam a casa.

Um já começava a agredir verbalmente o outro e a discussão ficava cada vez mais acalorada. A mãe percebeu que alguns empurrões e safanões estavam prestes a serem desferidos.

Como inteligência e criatividade não faltavam naquela jovem mãe, logo veio a solução para dar fim à peleja.

Enquanto ela fechava uma das caixas, disse calmamente, sem nem ao menos olhar para as crianças:

— Lembro que esse cesto apareceu no portão de casa. Um de vocês estava dentro dele. Bem pequenininho, todo enroladinho. Mas sabe que eu não consigo lembrar qual dos três que foi?

### Para saber mais:

**Neyd Montingelli** nasceu em Curitiba é casada e tem 4 filhas. Formada em Psicologia, é aposentada pela Caixa Econômica Federal. Tem 9 livros publicados e participa em 42 antologias. Escreve nos sites Hipismo&Co e Farmpoint. Foi premiada em concursos literários de contos, crônicas e poesias. Membro da Academia de Luminescência Brasileira/Araraquara, do Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires e de Lisboa, da Embaixada da Poesia. Recebeu troféu Cecília Meireles; Medalha Melhores Poetas da Magico de Oz, o certificado de Responsabilidade Cultural Semeador de Livros e Amigos da Juruá Editora e o Certificado de Responsabilidade Cultural do Instituto Memória Piá Bom de História. Escreve todos os dias e em seus textos e poesias, gosta de inserir episódios divertidos, dramáticos, reais ou não, e principalmente inusitados. Os finais de seus contos e poesias, costumam ser divertidos e inesperados.



# O ÂMBAR NEGRO

Por Dione Souto Rosa

## CONTO

Inopinadamente lágrimas se derramaram pelas sinuosas falésias da costa da Irlanda permitindo que delicados grãos se depositassem na exuberante rocha na extremidade oposta ao mar, materializando-se num exótico material composto de resina fossilizada, formada da seiva de árvores primitivas, o qual poderia se transformar num talismã. Era o âmbar negro.

Em algum lugar além do visível, Dilan, o solitário rei elfo sofre a perda de sua amada esposa. Ele chora por dias e dias; por noites e noites. O seu sofrimento se torna interminável e suas forças estão por esgotar-se. O seu reino se enfraquece. A sua espada é esquecida. Não luta mais. Perdeu toda a razão de viver. O rei dos elfos apenas se deitou na folhagem úmida e fresca e desejou morrer.

Que os deuses me tirem o sopro vital.

Sobre a vegetação das Falésias de Moher, uma jovem permanece inconsciente. O seu nome é Kendra. Expulsa de sua tribo por ser considerada uma feiticeira, ela sofre o desprezo de seu povo e agoniza lentamente. Resta com os lábios ensanguentados e as costas latejando pelos açoites que rasgaram a sua carne. Enquanto o mato se mistura a dor e ao sangue, o líquido negro procedente das rochas se dirige até as suas delicadas mãos e se transforma num talismã, retirando-a daquele suplício. Ela se levanta ainda cambaleante no seu vestido negro de ombros nus, rasgado nas pontas. Ela segue adiante em direção às margens e vê o oceano; e fica a observar as distantes encostas – exuberantes cordilheiras escarpadas na Irlanda com seus 214 metros de altura. Logo adiante percebe que uma ponte se fez por rochas e águas, a qual seguirá até uma exuberante ilha com grandiosa floresta, repleta de carvalhos e bétulas.

O sol ainda estava quente quando ela pisou na terra dos elfos, a terra misteriosa e verde. Enquanto caminhava uma imagem entre as árvores apareceu. Era uma elfa de longos cabelos louros, rosto marmóreo e muito bela.

— Quem é você? — Kendra proferiu.

— Sou a druidesa do reino de Athar, e meu nome é Shayla. E terá uma grande missão. — Kendra a olhou surpresa. — Milady será a unificadora dos Nove Reinos Élficos. O destino não a expulsou de sua tribo em vão. Será uma grande rainha. Neste momento, eu lhe entrego a espada dos Nove Reinos, a elfir. — Os olhos de Kendra se fundiram num misto de assombro e surpresa. — Como missão inicial deverá encontrar o Grande Alce e colocar nele o talismã que recebeu dos povos élficos. Aceita a missão?

— Quer dizer que os elfos me deram o âmbar negro, salvaram-me da morte e querem que eu governe um reino?

— Sim, e com essa atitude salvará o primeiro reino, o reino de Dilan, pois ele rege o coração da floresta. O rei está morrendo. Ao ver o alce não o toque ou olhe nos seus olhos. Apenas coloque o talismã nele. Vá embora imediatamente.

Kendra impactada proferiu:

— Não sei se posso realizar algo assim...

— Se salvar o rei da morte, conquistará seu próprio reino. Hoje está sem um lar e os elfos lhe oferecem magia e poder em troca de sua ajuda. Será aquela que guiará a todos com a espada elfir, mas isso ainda será revelado... Eu apenas a estou introduzindo nesta jornada. — Kendra deu uns golpes no ar com a espada dourada e sentiu que era poderosa. Emitia raios em

diversas direções e revelava no suporte um círculo contendo imagens. O futuro poderia ser visto ali, ou o passado.

— Como posso ter certeza que me diz a verdade?

— Prometo-lhe que terá um lar e o seu caminho será de grande luz e sapiência. Basta apenas que encontre o alce e coloque o talismã nele.

Kendra não estava certa se podia confiar naquela estranha, mas a espada era uma prova de que muito poder lhe estava sendo dado. A druidesa desapareceu e Kendra decidiu aceitar a missão, e provar que tinha valor. Buscou o alce por dias e meses. Já estava quase perdendo a esperança quando o viu no canto esquerdo da paisagem pastando. Ele a olhou. Assim que Kendra fez menção em se aproximar, ele correu, mas não foi longe. Ela o alcançou e quando colocou o talismã no seu pescoço o animal a olhou profundamente e abaixou a cabeça para que ela o acarinhasse. Ela não conseguiu resistir e o tocou. O alce desapareceu e, no seu lugar, surgiu um elfo de olhos azuis e longos cabelos louros.

— Milady me salvou da morte! — Ele a olhava ternamente.

Kendra, ao ouvir tão suave e sedutora voz, não resistiu e o olhou; e ele não resistiu ao desejo de beijá-la nos lábios. Kendra correspondeu como se o amasse há anos.

No mesmo instante, a druidesa de cabelos louros se interpôs entre ambos:

— Não lhe disse para não tocar ou olhar no alce? — E enfiou a espada no ventre de Kendra, fazendo-a tombar.

O rei elfo entendeu o que a druidesa fizera. Usara a sacerdotisa do âmbar para salvá-lo, todavia era ela que o desejava. Shayla deveria ser apenas a porta-voz da espada e da missão de Kendra, mas ela foi além. Shayla amava o rei, mas não tinha permissão dos reinos para ficar com ele. Ninguém tinha. Por isso ninguém podia olhá-lo, muito menos se apaixonar por ele. Nem Kendra, cuja missão era outra.

Dilan ficou desesperado ao ver Kendra sangrar, e não pensou duas vezes antes de buscar ajuda para salvá-la, mas ele não sabia que o destino seria implacável:

— Os druidas cuidarão dela! Nós ficaremos juntos, custe o que custar!

**Para saber mais:**

**Dione Souto Rosa** é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo, Mestranda em Teoria Literária pela Uniandrade/PR e membro efetivo da Academia de Letras José de Alencar/PR. Publicações em poesia com indicação ao Codex de Ouro/2011 e diversos contos em coautoria. Prêmio no Primeiro Concurso Cranik com o conto Nuada, o lendário rei Tuatha Dé Danann. Romance solo: Luar de Sangue e e-book Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente. Convite para integrar Mr. Hyde – homem monstro.

E-mail: dirosa19@yahoo.com.br.



# O MESTRE DAS AREIAS

Por MBlannco

---

## CONTO

Cedo me deparei com ela, a loucura.

Falavam, em casa, que o avô era doido, ruim da cabeça, senil. Ao que parece, ficara daquele jeito depois da morte da mulher, quer dizer, a segunda, não a minha avó. A avó separou-se dele tão logo meu pai nasceu. Fugiu com o violinista napolitano. Ou desse modo ouvi, não sei.

Na verdade, pouco me lembro dessas e de outras circunstâncias. Tampouco poderia discorrer sobre o misterioso episódio envolvendo o desaparecimento de meu avô, numa nefasta tarde de chuva rala, assombrada de vento. Quase nenhuma informação tenho a respeito.

O que retenho na memória são seus bigodes fartos, o talhe esbelto metido em ternos bem cortados, o relógio luzindo na algibeira. Meu primeiro sorriso foi para ele, a mãe afirmou. Em sua ilustre companhia, escutei histórias extraordinárias, vividas em terras longínquas, em remotas eras. A mais surpreendente, penso eu, é o relato das aventuras do Mestre das Areias, tal como descrevo a seguir.

Contava meu avô de emérito cientista e professor inglês que, em idos tempos, mudou-se para o campo com a família, consistindo esta da criada, uma tia idosa e seu gato, um pássaro exótico e o relógio egípcio. Um relógio de pêndulo, austero, igual ao que havia na sala de chá da avó (não é porque ela fugiu como o músico que deixou de ser minha avó, ou perdeu o direito à sala de chá, bem entendido).

Semanas após a mudança, sempre ao entardecer, o professor passou a escutar, próximo ao grande relógio, barulhos estranhos: arranhões, chiados e o murmúlo do mar. Supostamente o único ocupante da residência a perceber os incômodos ruídos, uma vez que a tia e a criada não padeciam as investidas do objeto, muito menos o gato e a ave exótica, certa noite, ensimesmado, o homem resolveu postar-se diante do relógio, defronte à portinhola do pêndulo. Encheu os pulmões de ar e soprou forte, para adormecer a coisa, se estivesse viva, para acordá-la, se morta fosse.

Esperou.

Passava da meia-noite e já havia soado o toque monótono das doze badaladas. Sem aviso, a porta abriu-se, e o pêndulo de prata foi recolhido, denunciando um pequeno vão. Na inesperada claridade matutina que invadiu o local, avistavam-se montanhas, areias brancas e a espuma do mar. O cientista e professor estreitou os olhos, enfiou a cara na abertura, estendeu um braço para fora. Sentiu a brisa fria tocar seus dedos, bater contra o rosto.

Num instante, ele foi puxado com vigor e encontrou-se muito longe da familiar lareira e dos estofados de couro. Em lugar das roupas de linho, cobria-o uma túnica de tecido grosseiro e sujo. Os pés nus não eram os mesmos que escondia em sapatos de cromo, mas pés miúdos, morenos e largos, a pele endurecida de caminhos e caminhadas.

Correu até a orla do mar, as canelas mergulhando afoitas na água salgada. Por toda parte, esculturas de areia erguiam-se sob a luz amarela caída do céu – castelos, damas e cavalheiros em trajes de luxo, coches atrelados a elegantes corcéis, tudo mais ou menos incompleto, ou em ruínas.

Mais além, as mãos do velho de barba acinzada finalizavam duas sereias sorridentes. E ele, estrangeiro ali, encerrado num corpo de menino, ajeitou-se perto do outro, observou-o,

ouviu-lhe confidências. O homem aguardava por ele, compreendeu, porque os Deuses avisaram que novo Mestre chegaria.

O velho ensinou-lhe a arte e os segredos de domar a areia. E, quando nada mais tinha a dizer, preparou-se para seguir com o barqueiro da noite na última viagem. Pediu-lhe para dar continuidade ao ofício de que fora encarregado, e, antes dele, todos os Mestres que os Deuses enviaram àquele canto. Sim, porque caprichosos eram os Deuses e queriam ver concluída a sua obra.

No momento da despedida, o menino fez saber ao velho de sua outra vida, do relógio egípcio, do barulho do mar. E o Mestre assegurou-lhe que assim era, que um Mestre das Areias nunca vivia uma vida só, mas muitas existências, e que ele poderia ir e voltar, mas jamais interromper o trabalho. O fluxo das horas movia-se no ritmo das areias do mar; por isso, as areias deveriam estar em constante movimento.

Um Mestre das Areias dividia sua alma entre os mundos, explicou o velho.

E, então, o menino prosseguiu a tarefa de modelar a areia. Breve constatou quão lento transcorria o serviço, pois a maior parte do trabalho executado desfazia-se em sua ausência, exigindo mais e mais tempo e esforço. Envelheceu sem notar, tornando-se, também ele, um velho de cabelos e barba cinzenta, pressentiu a vinda de seu sucessor. E alegrou-se ao deparar com o menino de cachos de sol, atravessando, ligeiro, a distância que os separava.

O Universo se renova, esclarecia meu avô, cessando, nesse ponto, a história do Mestre das Areias, repetida tantas vezes na sala de chá. Recordo-me bem da expressão vidrada dos olhos negros, do tremor leve em suas pernas, da excitação na voz.

E aí ocorreu o fato. O avô se foi.

Lembra-me a gritaria e o rebuliço tomarem conta da casa por causa do sumiço do avô. Lembra-me permanecer sentado na cadeira de balanço da cozinha, alheio à barafunda, esperando a entrada triunfal de sua cabeça grisalha pela porta dos fundos, sorrindo por baixo dos bigodes arrepiados. Mas nada disso sucedeu.

Passado o acontecido, não houve dia em que eu não parasse na porta da sala de chá a fim de admirar o relógio de pêndulo, durante intermináveis minutos, para absoluto horror da mãe. Até que, numa manhã chuvosa, o relógio deixou-nos. Partiu embrulhado em um lençol branco, na traseira do caminhão do primo Antunes. Acenei-lhe um aceno triste da janela do meu quarto. Da fisionomia do primo, oculta sob o guarda-chuva preto, apenas distingui a cabeleira branca e a barba comprida.

**Para saber mais:**

**MBlannco** reside no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu. Gradou-se em Arquitetura e Direito na UFRJ e trabalha, atualmente, na área jurídica. Apaixonada por livros e pela escrita desde a infância, adora contar histórias. Tem textos seus divulgados em diversas antologias, blogs e sites. Num futuro próximo espera publicar um dos livros que escreveu, se até lá conseguir superar um pouco do ciúme que tem em relação a seus escritos.



# O FILHO DA CARPIDEIRA

Por Evelyn Postali

## CONTO

O rio de águas barrentas provocava um medo diferente. Era assustador olhar para aquelas águas densas, para aquela imensidão líquida, e ver as margens tão distantes e a vegetação parecer minúscula. Por causa da sedimentação das margens, encontrava-se muito tronco rolando por ele. Dentro daquela embarcação que chamavam de voadeira, junto de outros dois homens, seguiu para onde sua vida começara.

De volta para a vila, Márcio Alencar Baptista desceu no pequeno píer de madeira e agradeceu ao condutor do barco que o trouxera de tão longe. Embora o motivo do retorno não tivesse a alegria desejada, preparara o espírito para encontrar-se com os moradores ribeirinhos conhecidos. Seus amigos e amigos de seus pais ainda viviam na margem do rio, muito distantes da civilização, sobrevivendo do alimento que as águas traziam e da extração vegetal.

*Vera girava para a direita. Roda, roda, roda o mundo gira. As brincadeiras de roda com cantigas sempre faziam sucesso entre eles. Letícia para a esquerda. Gira, roda, gira a roda. A roda gira de forma mágica. Ele girava e caía. Girava e caía. As estrelas giram, giram, giram. Ester, José e Mariana rodavam de mãos dadas. Roda de mãos dadas; roda para a música terminar. Quando chegar o fim, ninguém de pé ficará.*

*Márcio apenas olhava para o céu.*

*As estrelas foram cintilando cada vez mais. O azul, acinzentando. O céu escureceu a tarde que caía. A noite cobriu de breu os olhos dos bichos e da floresta que adormeceram com o sol. Um pio do alto de uma das casas ouviu-se rebater nas árvores que cercavam o lugar. As crianças sabiam: aquele som era da rasga-mortalha.*

*— Escutaram? — Ester soltou-se das mãos dos amigos. — Escutaram?*

*Ficou de pé, em frente aos outros dois. Mariana olhou para o alto. José parou de respirar por um instante. Vera e Letícia juntaram-se ao grupo. Márcio continuou mirando as estrelas, indiferente a eles.*

*A música da casa mais próxima da floresta vinha mansinha. Um violão choroso, devagar e melancólico.*

*Um pio alto rasgando o céu fez o grupo silenciar ainda mais. A mata emudecera também.*

*“Aqui não tem tesoura nem pano, não tem ninguém morando aqui.”*

*As folhas, abandonadas pelo vento que sumira de repente, de tons escuros refletiram a lua saída de sua cortina de nuvens. A pele das crianças, dourada nos tons do dia, tomou-se de um cinza diferente e funesto. O branco dos olhos e dentes deixava o retrato de cada um deles beirando o surreal.*

*Ele se levantou de mansinho.*

*Quando o terceiro pio foi ouvido, as crianças correram para suas casas.*

*O vulto que cortou o céu olhou diretamente para Márcio. A imagem do menino refletiu-se na negritude do olhar da ave. O filho da carpideira não se moveu. A suindara sobrevoou a clareira. A lua escondeu-se quando as asas deixaram as estrelas cintilarem novamente.*

A terra batida ainda possuía a mesma cor escura e a sensação de mergulhar na infância despertou com o cheiro característico das ervas curandeiras. A subsistência resistia. Galinhas soltas no pátio, pequenas horas e fruteiras.

— Márcio!

Alguém gritou por seu nome, fazendo-o voltar-se para o lado do sol poente.

Ester acenou, chamando-o outra vez. Correu de encontro, abraçando-o apertado, fazendo-o largar a pequena mala de pano. A saudade de longos anos agarrando-o de uma maneira especial.

— Você voltou – ela, cujos cabelos negros cheiravam a açucena, sussurrou baixinho, fechando os olhos. – Pensei que nunca mais o veria. – Deu a ele um aperto um pouco mais intenso e respirou fundo, afastando-se, agarrando-o pelos braços e olhando para dentro dos olhos negros enormes.

Ele nada disse. Abriu-se num sorriso e deixou-a falar quase que incessantemente contando sobre a vida e a aldeia, sobre os afazeres, sobre a família e a luta árdua diária para resistir a tentação de fugir daquele lugar.

A amiga segurou-o pela mão e conduziu-o até onde as casas alinhavam-se para formar a rua. A capela ainda se mostrava imponente na pequena praça vazia, e, apesar de decadente, conservava a tímida torre adornada às costas, com o sino visível.

— Vai ficar na velha casa? – a jovem perguntou. – Sua tia não sai mais da cama.

— Eu sei – ele respondeu. – Ainda a cuida?

— Uma ou duas vezes por dia.

— Imaginei que fosse.

— Quer que eu o acompanhe ao cemitério? – ofereceu-se tirando o sorriso do rosto. Depois, não tendo resposta, atreveu-se um pouco mais. – Vai procurar por José?

Ele se manteve calado. Despediu-se, juntando a bagagem, e seguiu sem ela para a outra parte da margem, do outro lado da praça.

*O que nascia dos encontros entre ele e José Loureiro, naquele povoado longe da civilização, se descoberto pela família ou se caísse na boca do povo ribeirinho, constituiria o mais abominável dos atos. Tinham plena consciência de tudo.*

— Não dá para continuar fazendo isso.

— Não pode estar dizendo a verdade – fechou o zíper da calça e o botão, arrumando a camisa. – Eu gosto do que tenho com você – aproximou-se de Márcio e empurrou-o contra a árvore, apertando-se contra ele, sentindo ainda o corpo do amigo.

— Estamos nos arriscando, aqui.

*Ele já advertira José por causa da impetuosidade que o dominava. Eles seriam expulsos da vila ou apedrejados, escorraçados como demônios. O padre os excomungaria julgando-os indignos de pertencerem à humanidade. Teriam que correr o mundo com uma mão pra frente e outra pra trás, em busca de sustento longe das famílias. Aqueles momentos íntimos, quando se entregavam um ao outro, escondidos dos olhares do mundo, eram perigosos.*

— Está com medo do meu pai? – abriu um sorriso e estreitou o olhar, testando a firmeza da vontade do outro. – Ou está com medo da rasga-mortalha?

José foi empurrado para trás. Márcio não gostava daquilo, quando o ‘amigo’ chamava sua mãe daquele nome. A lenda nada tinha a ver com ela. Ela era carpideira, e não uma coruja branca de uma história que os antigos contavam.

— Ei! – José o puxou, envolvendo-o com os braços. – Não sai assim. Eu estava brincando. – Conduziu-o até onde estavam encostados antes, no tronco de um cumaru, roçando-se nele e fazendo-o aos poucos ceder à pressão e entregar-se ao beijo.

*A tarde declinava em toques ousados novamente, reacendendo o desejo de provar o gozo juvenil e o calor que vinha da pele morena do filho do homem mais rico do vilarejo. Foram até onde a ousadia se acovardava. As mãos intrusas do mais velho tateando cada linha de Márcio, tentando vencer os pudores e limites impostos pelo mais novo.*

*Quando finalmente os tons mais escuros tomavam conta do dia, decididos a retornar às casas, foram surpreendidos por Horácio, pai de José.*

A tia não esperava pela visita. Não depois de uma ausência de anos.

“Devia confessar-se. Essas mortes todas perseguem você.” A voz de Jovina martelou na mente. Por muito tempo pensara o pior. Depois da morte da mãe, a tia insistia em dizer que era maldição.

Parou diante da construção.

“Ela está se vingando da morte de sua mãe. O espírito dela está preso.” Aquelas palavras da tia voltavam do passado.

A casa acanhada, erguida de madeira por sobre um tablado sustentado por grossos pilares era peculiar. A maioria delas erguia-se do chão respeitando as cheias. Palafitas mais modestas se avolumavam perto da outra margem. A vida no interior se fazia simples daquele jeito e Márcio esquecera o quão harmonioso o cenário se tornava, apesar de precário.

Contornou-a. A parte dos fundos ainda abrigava uma meia água e um varal. Venceu a escada de poucos degraus escutando o ranger da madeira. O tom desbotado do betume misturado com a tonalidade verde o fez se lembrar da infância subindo e descendo a escada para depois correr ao redor da área.

Bateu as mãos anunciando a presença e entrou tímido. O silêncio e o cheiro de velho invadiu o corpo já cansado da viagem. Colocou a mala no chão e entrou no aposento.

A cama centrada ainda conservava-se coberta com a colcha de fuxico multicolorida. Quinze anos e a tia mantinha as mesmas coisas que a lembrança marcara.

— Tia... – chamou-a, puxando o banquinho rudimentar, sentando-se próximo.

A mulher segurava o crucifixo pressionado nos dedos e o terço enrolado na mão.

Olhou mais atentamente para o que havia ao redor. O criado mudo, de madeira clara com a porta desregulada e o puxador redondo. O guardanapo de renda de filé por sobre a mesa próxima da janela. O guarda-roupa de duas portas.

Sentiu o cheiro das ervas e das cascas. A caneca estava pela metade.

— Tia – puxou a mão da mulher, segurando-a firme. – Eu voltei.

Os olhos de Jovina entreabriram-se cansados. Opacos, miraram o sobrinho cujas feições de criança sumiram com os anos. A vida na capital adormecera o menino que pulava no colo da tia e implorava pelo mingau de jerimum.

— Eu voltei, tia – soltou um meio sorriso reafirmando.

— Para me enterrar. – A frase saiu anêmica e a mão apertou firme. O terço foi levado até perto do peito.

— Que besteira! – exaltou-se, fazendo-a piscar algumas vezes. – De onde tirou essa ideia?

A mulher ergueu-se com dificuldade e ele a ajudou a sentar-se, arrumando o travesseiro nas costas.

— Já visitou sua mãe?

— Ainda não. Vou amanhã.

— A rede está enrolada no mesmo lugar. – Ela massageou as costas do terço. O crucifixo reluziu. – Vai ficar até quando?

Não respondeu. Levantou-se e juntou a rede da parede do quarto levando-a para fora, para perto da janela maior. Enganchou-a depois de sacudir o tecido abrindo-o. Ainda era cedo.

Jovina respirava com dificuldade. Não falou senão o necessário. Acompanhou os movimentos dele até onde conseguiu ver, quando dominava o cansaço e mantinha-se acordada.

Na varanda cuja vista mostrava a vila, ele não esperou que o sol dourasse as copas das árvores para sair. Anoitecia muito tarde na beira daquele rio que serpenteava até vazar no principal. O que precisava ser feito, seria.

Ao olhar de Márcio, a mata devolveu o pio solitário e agourento; o primeiro que ouvia em muito tempo. A cidade grande escondia o mau agouro. A suindara não sobrevivia em meio ao concreto cinza e ao barulho dos carros.

Volto para perto da tia. Sentou-se ao lado dela novamente.

— Vai dizer o nome agora? — segurou a mão da tia. — A tarde está se indo. Não tem muito tempo.

Jovina apertou o terço. Começou a recitar as orações em voz muito baixa e fraca.

— Tia...

— Sua mãe não chorou o bastante? Por que não esquece tudo isso? — a mulher abriu os olhos num momento de muita lucidez.

Ele esperou pelas palavras. Apesar de tudo, sabia que a paciência seria recompensada. A verdade viria à tona e ele cumpriria o papel que lhe fora designado na história daquela vida.

*As pessoas correram quando o homem gritou por socorro. O pátio da casa encheu-se de gente. Os vizinhos mais próximos, as pessoas que frequentavam o armazém do lado, e o padre que chegou pouco depois, avisado por alguém muito rápido, todos ao redor dos corpos.*

*A esposa morreu na cama. Possuía uma espuma branca na boca. A pele negra transformara-se num ocre pálido e o cheiro de um floral doce impregnava o quarto. O filho mais novo, Benício, no fundo da casa, encolhido perto do tanque de pedra. Vera, a filha do meio, caída na cozinha, ainda segurava o pano da louça.*

*Horácio, desconcertado, caminhava de um lado para outro gritando o nome de Deus, perguntando o motivo pelo qual a desgraça abatera-se por sobre a família.*

*O padre Adelar tentou amenizar o sofrimento do comerciante carregando-o para longe dos corpos, falando palavras de conforto e recitando passagens da Bíblia que sabia de memória. A comoção tomou conta das mulheres que choravam e as crianças foram levadas para longe. Jovina parou no portão, junto de Márcio.*

— *Você não é bem-vindo aqui* — Horácio apontou para o rapaz.

— *Onde está José?* — indagou sem importar-se com o sentimento avesso que brotava nos olhos do homem. — *Ele está bem?*

— *Leva ele embora daqui, Jovina.* — Horácio advertiu a irmã da carpideira.

*Quando José chegou, vindo da pescaria, mal conseguiu conversar com o pai, ou olhar para Márcio. As pessoas foram contando o que acontecera. Ele mal sabia como agir naquele cenário de horror no qual a vida mergulhava.*

*Os homens da vila, comandados pelo pároco, levaram os corpos para a igreja em caixões simples de madeira sem pintura. Tábuas secas, cruas, recém-refinadas, de cheiro forte. O curandeiro, que o padre não aprovava, apontou para o pio rouco da rasga-mortalha da noite anterior e, apesar de conhecer ervas que curavam ou matavam, não reconheceu o modo como os três haviam morrido.*

*Num sem-fim daqueles, o delegado só chegaria depois de três ou quatro dias. Não havia polícia senão no município mais distante, em Barcelos, ou na capital amazônica. Horácio não esperou para enterrar parte da família. Aceitou a explicação do médico-feiticeiro, meio índio, meio branco, acolheu a missa do padre e enterrou os três no campo santo da curva, perto do píer rudimentar.*

Deixou a casa da tia para trás, carregando algumas lembranças e seguiu até a pracinha devagar, observando o entorno. As crianças daquela ruela costumavam brincar de pés descalços e soltar a frase que espantava a rasga-mortalha. Tomou o desvio.

Parou no portão. A casa sempre fora uma das que demonstrava o poder econômico do homem. Comerciante que era, ostentava o que o capital deixava. A venda de produtos para os ribeirinhos gerava muito mais do que riqueza. Horácio detinha também poder de decisão sobre os destinos da vila, por menor que fosse o lugar.

O segundo pio esticado, rouco, foi ouvido e o homem, como se conhecesse o destino que o aguardava, saiu de casa dando de cara com Márcio, estanque, de frente para a construção.

*Horácio segurava um relho longo quando foi atrás do filho. Estava preparado para o pior. O açoite atingiu e cortou a pele de José enquanto as palavras amaldiçoadas foram sendo pronunciadas uma a uma para o filho da carpideira.*

Márcio correu, deixando o outro arcar com as consequências do que fizeram. E Horácio não teve piedade. Nenhum pedido foi ouvido, nenhum gemido considerado. Nem o choro aplacou cada movimento do braço fazendo o chicote cair pesado por sobre o rapaz.

Depois de descontada a raiva, vendo o filho no chão, encolhido, afastou-se com determinação.

“Etelvira.” O pensamento girava em torno da mulher que o acusava com o olhar e naquele momento, através do filho Márcio, destruía o primogênito dos Loureiro. A ação da ‘maldita’ destruía José, aquele que o substituiria nos negócios, que já o representava na família, na vida.

Empreendeu uma marcha alucinada desviando-se dos conhecidos até chegar a casa de Etelvira, encontrando-a perto do rio, lavando as roupas. Chamou-a, dizendo que precisavam conversar, afastando-se, seguindo para longe.

Poucos minutos depois, a carpideira Vira, como a conheciam, chegava até perto de uma das clareiras próximas. Horácio caminhava de um lado para o outro. Com feições sérias iniciou a conversa num tom acusatório, apontando para o fato dos filhos serem amigos pelo incentivo dela e da desconfiança sobre os dois ter se tornado uma realidade desastrosa. Contou que os surpreendeu tocando-se intimamente, numa situação imoral e inaceitável. Usou palavras que Etelvira jamais pensara ouvir.

— Seu filho levou José para um caminho de pecado! – gritou. – Eles tocavam-se como se fossem homem e mulher – gaguejou, passando a mão no rosto, retirando o suor.

— Se você o tivesse assumido...

— Está me acusando? – interrompeu-a, ainda mais exaltado depois do que ouviu. – Você devia ter evitado. A culpa é sua, Vira. Sua!

À sombra dos cauchos, Horácio gesticulava enquanto conversava com Etelvira. A mulher, também exaltada, não o deixava prosseguir. Interrompia-o, argumentando.

— Se você tivesse feito a coisa certa, Horácio, nada disso acontecia. Mas você é um covarde! Um frouxo!

Num rompante de fúria e nervosismo, Etelvira avançou em Horácio, empurrando-o para longe. Ele, usando da agilidade e força prendeu-a pelos braços e sacudiu-a.

— Precisa ir embora – disse de forma ríspida, apertando-a mais firme. – Para longe.

— Eu não irei. Está na hora de todos saberem a verdade. – retrucou enraivecida.

Horácio, exaltado, tomado de horror e sanha, empurrou com força a mulher, que caiu, batendo a cabeça em uma pedra. O sangue que escorria pela grama tingia o verde de um visgo estranho.

Olhar para o corpo o fez pensar no pior. Se levasse o corpo para a vila, teria que confessar o ocorrido. A verdade viria à tona.

Aproximou-se dela tomando-a pela mão. A mulher abriu os olhos de súbito, gemeu e chamou-o pelo nome. E ele, mais assustado naquele momento do que com raiva, imaginando o que caberia como punição, aproveitou-se da fragilidade dela e bateu novamente a cabeça de Etelvira na pedra.

Etelvira estava morta. A carpideira estava morta.

— Vá embora daqui! – atreveu-se a falar num tom firme e mais alto, mesmo correndo o risco de ser ouvido pelos vizinhos. – Você é amaldiçoado! – olhou para o alto para ver se avistava a ave. – Por que voltou? Seu lugar não é aqui, deturpando a inocência, sujando o que é mais sagrado. Você é parte do demônio.

Márcio sorriu e permaneceu imóvel, deixando que o comerciante se aproximasse e continuasse discursando.

— Desvirtuou meu filho. Tingiu de pecado a comunidade. Tem sorte de ninguém saber o que você é.

— Vim cobrar uma dívida. – Apoiou-se na madeira branca à frente. – Fazer justiça – discorreu normalmente, como se aquilo fosse uma conversa amigável. – A morte de minha mãe ainda não foi totalmente vingada.

— Não sei do que está falando, rapaz.

— Estou falando de você ser um assassino. De tê-la enganado, levando-a a uma armadilha. E, assim como sua esposa e filhos, você vai pagar.

A sombra de uma ave delineou-se sobre chão e Horácio tremeu. A covardia que sustentou na vida emergiu e ele não pensou duas vezes.

— Sua mãe me chantageava. Ela era uma sem-vergonha. – Usou as palavras de forma ofensiva, e confessou num tom baixo: – Porque você é um filho bastardo. Indesejado, assim como o afeto que ela sentia por mim.

Os lábios do filho da carpideira devolveram a Horácio um meio sorriso.

— Ela contou a você, não foi? – Horácio afastou-se surpreso. Etelvira não dera ponto sem nó. – Foi por isso que envolveu José naquela pouca vergonha? Foi para se vingar?

— Fiquei sabendo através de sua esposa, Dona Maria da Glória, quando eu tinha uns dez anos. – E vendo que Loureiro olhava-o descrente, prosseguiu: – Ela estava com raiva de algo que você fizera – completou. – Mas não foi por vingança meu envolvimento com José. Eu vou leva-lo para longe.

— Fique longe de meu filho!

A raiva evidente no tremor da fala fez Márcio olhá-lo com desdém.

O pio da coruja cortou o silêncio entre eles e Horácio sentiu o peito contrair. As pernas enfraqueceram e uma dor intensa pareceu querer esmagar o coração.

— Aqui não tem tesoura nem pano, não tem ninguém morando aqui – pronunciou a frase e gargalhou. – Não se esqueça de pronunciar a frase. – Piscou o olho. – Está chegando a hora.

Os pulmões não conseguiram fazer o ar entrar e o olhar apavorado de Horácio procurou a figura da suindara enquanto seguia de ré para dentro de casa.

Márcio acompanhou-o com o olhar, como se nada houvesse acontecido. Depois que o homem sumiu porta à dentro, seguiu em direção da praça. José era o destino final.

O barulho calmo do rio e o som dos passos no chão batido embalou a ida. Observou as casas. O tempo mudara o lugar. Depois de dez anos, o vilarejo crescera fisicamente. Ao chegar ao templo e, por um tempo apenas, fitou as tábuas de tom gasto e azulado. O antigo padre usara a cor azul para contrastar com aquele chão barrento avermelhado. Subiu os degraus e encarou a porta.

Circundou pelo espaço. Os bancos de madeira alinhados possuíam um lustro anormal. Pelos fiéis que sabia serem assíduos, duvidou que aquilo fosse o puído da frequência. O novo pároco conservava a casa em ordem, ao que tudo indicava. “Essa é a parte difícil do trabalho: manter a casa em ordem.”

Observou o altar e a mesa simples com o guardanapo branco estirado, bordado com linha amarela e adornado com crochê. As estátuas de santos ainda eram as mesmas de quando criança e as cortinas de renda precisavam ser trocadas.

— Duvidei que viesse – José aproximou-se enfiado numa calça negra e camisa branca de colarinho clerical, percorrendo o pequeno espaço entre a porta da sacristia e o corredor de madeira. – A carta foi uma surpresa.

— Eu também não sabia se viria – comentou um tanto surpreso. – Mas aqui estou! – Um pouco nervoso, correu os dedos por sobre a madeira de um dos bancos sentindo a ausência do pó. O peito contraiu-se e a respiração falhou quando o sorriso de José pareceu acolhedor. Frente a frente, o calor do encontro fez Márcio perder um pouco o controle. As pernas fraquejaram como sempre faziam quando estava com ele.

— Por que não vamos para a sacristia, onde é reservado? – sugeriu.

— Ora veja... – provocou. – Não era você o todo corajoso?

O padre novato não devolveu a provocação. Fez sinal com a cabeça e dirigiu-se para a porta de onde viera.

Mal a fechou, depois que Márcio entrou, e viu-se agarrado pelo mais novo, prensado na parede, mãos presas e as pernas sendo abertas para que houvesse um encaixe perfeito.

— Espera – advertiu-o, tentando livrar-se de pressão. – Não posso fazer isso. Eu fui ordenado. Sou um padre.

— E eu estou me confessando: Você é o homem que eu amo. É o homem que eu quero. – forçou o beijo, tomando a boca do mais velho para si. – Apesar de seu pai ser o assassino de minha mãe. – “A vingança. Doce vingança.” – Estou confessando meu pecado.

— O quê? – afastou-o de forma brutal, empurrando-o e saindo da parede. – O que disse?

Márcio respirou fundo. Fechou os olhos. De costas para o outro, espalmou as mãos na parede e deixou cair a cabeça, olhando para os pés.

— É o que ouviu – começou. – Minha tia está morrendo. Foi ela quem contou. – Virou-se para encará-lo. – Depois que seu pai nos pegou perto do rio, à sombra daquele cumaru, ele brigou com minha mãe por nossa causa.

— Não! – meneou a cabeça nervosamente, recusando-se a aceitar. – Não é verdade. Não é verdade – o horror evidenciou-se no olhar, que buscou no outro uma ponta qualquer de mentira.

— Devia perguntar a ele, José. – Ergueu os ombros e observou-o afastar-se muito devagar.

Quando José saiu da sacristia, desorientado e com um nó sufocando a garganta, carregava a certeza da verdade dita pelo amigo e amor da adolescência.

Márcio o seguiu pelas ruas até a casa do pai. Deixou-o entrar e esperou próximo do portão. Estava certo de que Horácio Loureiro encontrava-se muito próximo da escuridão que o perseguia. Ao entrar, de forma silenciosa, viu-o segurando o pai nos braços, ajoelhado no chão da cozinha. As últimas palavras proferidas, quase inaudíveis, confessavam o crime, mas não tiveram força bastante para revelar a paternidade escondida de todos.

Quando a vida de Horácio se extinguiu por completo, quando o peito não mais se encheu e o olhar estacionou vidrado em algum ponto do teto, José ficou por longos minutos na mesma posição. Márcio continuou escorado na parede, próxima do balcão da pia.

A noite aconteceu com o velório. O enterro, no dia seguinte, teve a condução de José. Márcio ficou por perto, assim como Vera e as mulheres e homens mais velhos. Alguns poucos conhecidos, acompanharam tudo do início ao fim. A tarde terminou com uma chuva torrencial. Depois da missa, apenas os dois permaneceram na igreja.

— Saírei pelos fundos – avisou.

— Não tem mais nada que prenda você a essa vila. Pode seguir comigo – falou pausadamente. – Vou embora amanhã com o barco que sai depois do meio-dia. – Levantou-se e esperou. “O que eu precisava fazer, está feito.” Pensou no destino que se cumprira.

José fechou as portas e apagou os lampiões da via sacra. Não parecia importar-se em tê-lo aí. A morte repentina o afetara, mas a consciência do pai ter matado Etelvira mudara algo dentro dele. Era visível a desarmonia, o olhar perdido, os movimentos vagos pelo espaço do templo que mergulhava nas sombras.

Márcio abraçou José quando ele se aproximou do altar, fazendo-o ficar de frente para ele. Acariciou o rosto do outro e o viu fechar os olhos aceitando o aconchego daquele toque.

— Nada mudou em mim. – Os dedos de Márcio tocaram nos lábios do meio-irmão. “Precisa contar a verdade.” A voz da tia martelou na consciência e ele ignorou. “Não!” Jurou para si mesmo naquele momento que *aquele* segredo jamais seria revelado e o beijou sem pudor algum, segurando-o pela nuca, não oferecendo qualquer brecha para escape.

José o tocou mais afoito. Retribuiu de forma viva, urgente.

Empurraram-se para a sacristia, extinguindo o desejo reprimido que nascera na adolescência e que fora impedido de crescer e fazer parte do que eram.

Havia um tempo para vencer.

#### Para saber mais:

**Evelyn Postali** é gaúcha, professora estadual, graduada em Artes Plásticas, pós-graduada em Artes Visuais. Interesses: fotografia, música e poesia. Participou de antologias pela Andross Editora, Editora Burity, e EX - Grupo Artístico Editora. Contos, poemas e imagens podem ser encontrados nas plataformas: Wattpad, Widbook, Scriber e YouPic. Blog [emptyspaces11.blogspot.com.br](http://emptyspaces11.blogspot.com.br). E-mail: [evelynpostali@hotmail.com](mailto:evelynpostali@hotmail.com).

# PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO DE CONEXÃO LITERATURA (OUTUBRO/2015)

ACESSE:

[www.fabricadeebooks.com.br/participar\\_de\\_conexao\\_literatura.html](http://www.fabricadeebooks.com.br/participar_de_conexao_literatura.html)

OU SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES, ESCREVA PARA:

[pascale@cranik.com](mailto:pascale@cranik.com)

PARA DIVULGAR ESTA EDIÇÃO, USE O LINK:

[www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura3.pdf](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura3.pdf)

OU

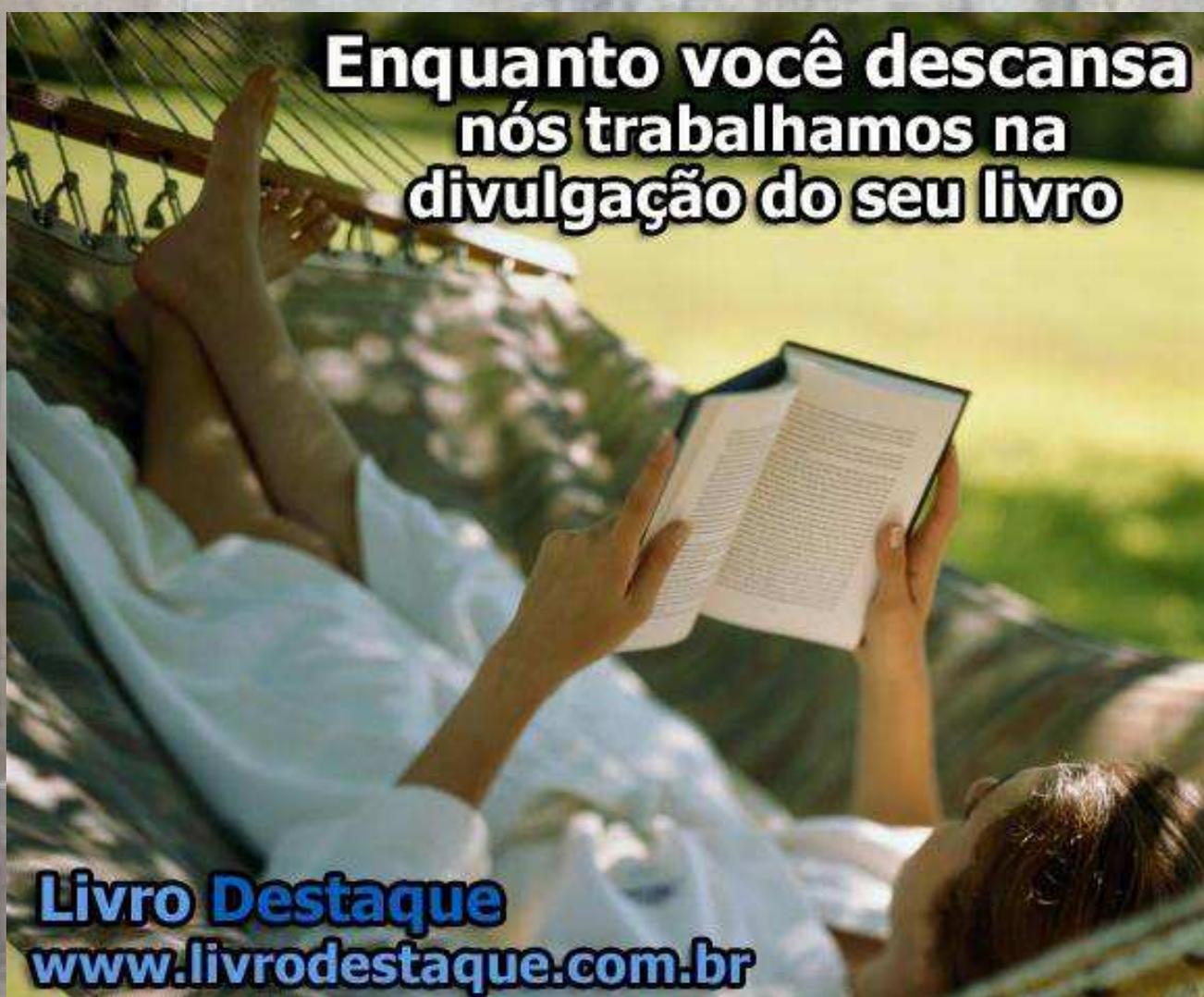
[www.fabricadeebooks.com.br/conexao\\_literatura.html](http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura.html)

UMA PARCERIA

[www.fabricadeebooks.com.br](http://www.fabricadeebooks.com.br)

E

[www.livrodestaque.com.br](http://www.livrodestaque.com.br)



**Enquanto você descansa  
nós trabalhamos na  
divulgação do seu livro**

**Livro Destaque**

**[www.livrodestaque.com.br](http://www.livrodestaque.com.br)**